

MISTÉRIO DE

PATIENCE
WORTH



A HISTÓRIA DO MAIS EXTRAORDINÁRIO ROMANCE MEDIÚNICO

HERMINIO C. MIRANDA & ERNESTO BOZZANO

Ernesto Bozzano - Herminio C. Miranda

O Mistério de Patience Worth
história do mais extraordinário romance mediúnico

Título original em Italiano
Ernesto Bozzano - A proposito di "Patience Worth"
Città della Pieve (1931)



A médium Pearl Lenore Curran

Conteúdo resumido

O livro O mistério de Patience Worth - história do mais extraordinário romance mediúnico, é dividido em duas partes.

A primeira é uma pesquisa de Hermínio C. Miranda, que retrata a história desta produção mediúnica, especialmente de A história triste. Investigando jornais, críticas e livros da época da publicação, o escritor estudou a história e o fenômeno desta produção literária.

A segunda parte apresenta as descobertas e análises de Ernesto Bozzano, escritas na primeira metade do século XX, sobre a singular psicografia e a obra da autora espiritual. Os mistérios deste fenômeno vão sendo apresentados no decorrer do livro, sob diversos pontos de vista.

Sumário

Primeira Parte (Hermínio C. Miranda)

Um mistério sem mistério

I - Repórter ‘Tropeça’ numa imprevista pauta / 04

II - O caso Patience Worth / 09

III - O Enigma (já resolvido) da reencarnação / 20

IV - Patience, a impaciente temperamental / 27

V - A teologia de Patience Worth / 31

VI - A realidade espiritual nos escritos de Patience Worth / 33

VII - O processo mediúnico / 38

VIII - Uma releitura da obra de Patience / 43

IX - Os magos / 50

X - A Linguagem / 53

XI - O livro, o público e a crítica / 57

XII - Como ficamos então? / 59

XIII - Reflexões para concluir / 63

Segunda Parte (Ernesto Bozzano)

Uma impressionante caso de psicografia / 66

Primeira Parte

(Hermínio C. Miranda)

Um mistério sem mistério

I

Repórter ‘Tropeça’ numa imprevista pauta

Sem consultar demoradamente e em profundidade a documentação da época - livros, artigos, reportagens, depoimentos, diálogos, polêmicas, textos críticos e científicos - seria impraticável ao público leitor contemporâneo imaginar as dramáticas dimensões assumidas pelo fenômeno Patience Worth.

Este tradutor (1) não teve tal oportunidade, mas foi bafejado pela sorte em 1988, quando, em visita mais demorada aos Estados Unidos, encontrou num sebo, em Chapei Hill, na Carolina do Norte, um exemplar de *Singer in the shadows - the strange story of Patience Worth*, de Irving Litvag (New York: MacMillan, 1972). Litvag é (ou era, à época em que escreveu seu livro) Diretor de Eventos Especiais da Washington University, em St. Louis, Missouri, onde, aliás, as coisas aconteceram.

(1) – Herminio C. Miranda gosta de grandes desafios. Desta forma, traduziu, entre outras, duas das mais geniais e volumosas psicografias já feitas; a insólita segunda parte da Obra O mistério de Edwin Drood, em que o autor espiritual e nada menos do que o mesmo autor da primeira parte. Charles Dickens; e A história triste, de Patience Wort, ambas publicadas pela editora Lachâtre.

Sua bagagem literária inclui editoriais, scripts para o rádio, uma comedia musical e várias peças teatrais de um ato.

Ele entrou no caso movido inicialmente por mera curiosidade de repórter. No intervalo do almoço, navegava distraidamente pelos títulos das obras à venda numa livraria, quando uma delas chamou sua atenção: *Communicating with the dead* (Comunicando-se com os mortos), uma

espécie de antologia organizada por Martim Ebon. Nada que pudesse interessar ao jornalista, mesmo porque ele confessa, logo no prefácio, não ter qualquer "interesse pelo sobrenatural ou pelo ocultismo". Estava para devolver o livro à prateleira, quando, por um segundo, leu o nome de um dos autores dos diversos artigos: Casper S. Yost. - Seria o Casper Yost de Saint Louis? - perguntou-se. Uma velha amiga dos pais de sua esposa chamava-se senhora Casper S. Yost. - Será que o marido dela andara envolvido de alguma forma em esforços para falar com os mortos? - voltou a perguntar-se. Não era o marido, mas o sogro da senhora Yost, amiga dos sogros do repórter, escrevera há muitos anos algo sobre "alguém por nome Patience Worth".

Talvez o assunto desse um bom artigo, pensou ele. Logo imaginou um título chamativo para a sua matéria: "O grande caso de fantasma em St. Louis."

Depois de realizar algumas pesquisas preliminares a partir do livro de Yost, Litvag percebeu que tinha material para muito mais do que um artigo. Confessa, honestamente, haver "tropeçado num dos mais bizarros mistérios deste século" (século 20, claro), enigma, aliás, que, em sua opinião, "jamais fora satisfatoriamente explicado e jamais relatado em toda a sua dimensão".

Foi assim que surgiu o livro, depois de nove meses de buscas e estudos, principalmente nas 4375 páginas de material escrito. Parece pouco o tempo, mas Litvag vivia ali mesmo em St. Louis, onde se encontram as principais fontes de informação sobre o caso, nos arquivos da Missouri Historical Society, de vez que foi ali que também viveu a senhora Pearl Curran, médium de Patience Worth. Mesmo assim, não aconselharia ninguém - caso perguntado - a entregar-se a uma tarefa desse porte, que ele considera massacrante.

Litvag, portanto, fez a pesquisa que eu, pobre escriba, não teria a menor condição de realizar. Sou-lhe grato por isso, onde quer que ele esteja enquanto escrevo estas páginas.

Ficamos, então, com outra pergunta: como é que eu entrei nessa história? Prometo ser breve, tanto quanto é possível sê-lo em assuntos dessa natureza.

Devo ter lido algo a respeito do caso há cerca de três, talvez, quatro

décadas, e sobre ele escrevi alguns comentários, que não consegui localizar. Seja como for, o assunto me interessou de pronto e, por muito tempo, esforcei-me por chegar ao texto de *The sorry tale*, justamente considerado a obra prima da autora espiritual. É que a história triste tocava um dos temas da minha preferência: a luminosa figura espiritual do Cristo, seus tempos, seus ensinamentos e suas dores.

Foram em vão minhas tentativas. O livro parecia inatingível. Depois de haver lido Litvag, alvoroçou-se novamente em mim o desejo de saber o que dissera Patience Worth sobre Jesus. Ainda guardo comigo minuta de uma carta dirigida à Missouri Historical Society, de Saint Louis, explorando a possibilidade de me ser enviada, no mínimo, uma xerox, ou um reprint do famoso livro. Identifiquei-me como escritor interessado na temática do que os autores de língua inglesa preferem chamar de ‘ocultismo’, termo que abomino. Manifestei-lhes o desejo de, eventualmente, traduzir a obra para a língua portuguesa.

Isso foi em 1990, e não me lembro mais se enviei ou não a carta minutada ou se ela não me foi respondida.

Volvidos mais alguns anos, tive uma das grandes surpresas de minha vida, ao receber da amiga Yeda Hungria um pacote que ela trouxera dos Estados Unidos. Eram três livros de Patience Worth: *The sorry tale*, naturalmente, *Hope trueblood* e um terceiro, de poemas.

Como estava, àquela época, ocupado em dois exaustivos projetos paralelos - a tradução de *O mistério de Edwin Drood*, de Charles Dickens, e a pesquisa e redação de *Os cátaros e heresia católico* - tive de adiar a leitura da história triste.

Concluídas essas tarefas, pude, afinal, dedicar-me ao livro de Patience Worth. O texto, contudo, revelou-se muito mais difícil do que eu imaginara e vi logo que me faltaria competência até mesmo para lê-lo e, ainda mais, para traduzi-lo.

Li a introdução de Casper S. Yost, em inglês contemporâneo, mas a tentativa de decifrar o primeiro capítulo foi desanimados, para dizer o mínimo. O livro começa com um diálogo entre Téia e Panda que, à primeira vista, nem faz sentido. Quem é Téia? Quem é Panda? O que fazem perambulando por trilhas inviáveis na treva da noite? Como e por que foram parar nas imediações de Belém, na Palestina? Ah! E aquele

texto às vezes indecifrável...

Vejam um exemplo:

Behold, a hut, Theia! A hut doth stand amid the dark, and fires smoke spiceth the air! Wait, wait thee, Theia! Rest! For though it's Rome who dealt thee but a deserts scorch, tis sun that teacheth well; for he who parcheth knoweth well of pity. Tis then I go, and leave thee but to aid. Long, long hath the journey carried unto this.

Onde fora me meter eu se eruditos conhecedores do inglês arcaico queixavam-se de não conseguir decifrar o texto?

Abandonei o livro, depois de navegar penosamente pelos dois ou três primeiros capítulos. Disse à amiga Yeda que a obra era intraduzível, o que a deixou desolada, mas não de todo desesperançada.

Nesse ínterim, porém, voltei a ler *Singer in the shadows*, de Irving Litvag.

Ele também sofreu com o texto, como tantos outros, e oferece, a certa altura, preciosos conselhos a quem se disponha a aventurar-se pelos escritos da enigmática autora espiritual. "A primeira reação da maioria dos leitores modernos à linguagem de *Patience Worth* - escreve à p. 33 - será provavelmente de irritação, frustração e impaciência." (Eu, HCM, retiraria sem dó o provavelmente). "Essa foi a minha reação -, prossegue Litvag. - A linguagem, obviamente, é arcaica. E, aparentemente, um tipo de inglês falado na Grã Bretanha há alguns séculos."

Mas Litvag aconselha mais adiante. (p. 34)

De qualquer modo, recomendo decididamente que você não desista. Não tente escapar, passando os olhos rapidamente por cima dos obstáculos verbais, em busca de algo mais substancial. Com o tempo, se perseverar, você perceberá determinado arranjo e uma consistências rítmica e fraseológica; você compreenderá a um golpe de vista o sentido de palavras desusadas que, de início, somente lhe causaram perplexidade e irritação.

Vencida essa fase, digamos, de iniciação, garante-nos Litvag:

[...] tais esforços serão gradualmente recompensados [...] e você encontrará passagens de inesquecível beleza e expressões de priscas eras que às vezes causam uma sensação de reverência.

Estimulado pelo conselho de Litvag, voltei ao livro de *Patience Worth* e

comecei a disputar penosamente o terreno, milímetro a milímetro, com freqüentes corridas aos dicionários. Litvag estava certo. Para mim, no entanto, se o livro era difícil de ler, imagine traduzir!

Insisti, obstinadamente. Com o tempo, comecei a entender o velho e obsoleto linguajar da autora, tanto quanto é possível fazê-lo. Arrisquei-me até a traduzir experimentalmente um ou dois capítulos. Mas resolvi esperar um pouco mais, a fim de amadurecer a frágil familiaridade com o texto.

Em 23 de abril de 2002, tomei uma brava e temerária - talvez insensata - decisão: "Vou traduzir este livro, custe o que custar!" Exatamente dez meses depois, em 23 de fevereiro de 2003, bati o ponto final, ao traduzir o prefácio de Yost.

Não tenho a pretensão de achar que a tradução brasileira esteja literariamente no nível em que paira o original, mas posso assegurar aos que a lerem que a história foi recontada em português com toda a fidelidade que me foi possível, e era isso o que eu desejava.

II

O caso Patience Worth

Tudo começou numa tórrida (2) noite de 8 de julho de 1913, terça-feira, em Saint Louis, Missouri. Três senhoras de classe média alta estavam reunidas na sala de visitas do casal Curran - John e Pearl Lenore - em torno de uma prancheta. (3) A dona da casa, uma jovem senhora de 30 anos de idade, não estava nada interessada na 'brincadeira' maçante e sem graça, e não fazia questão alguma de esconder o tédio de lidar com aquela 'bobagem' de espiritualismo; outra era Emily Grant Hutchings, escritora freelancer, a principal motivadora das experiências, que já duravam algumas semanas; a terceira era Mary Pollard, mãe (viúva) de Pearl, munida de papel e lápis, caso a prancheta produzisse algo digno de ser anotado.

(2) - *Estou traduzindo ao pé da letra o termo torrid, usado pelo autor, mas devo explicitar logo que a temperatura era de 90° F (Fahrenheit), o que corresponde a cerca de meros 33° na escala Celsius, com a qual estamos familiarizados no Brasil. Ou seja, um dia relativamente 'fresco' para os padrões do Rio de Janeiro, por exemplo.*

(3) - *Vejamos a descrição da prancheta pelo próprio editor de The sorry tale (ver Singer in the shadows, de Irving Litvag, p. 26): "A prancheta-ouija board - é uma peça retangular de madeira de cerca de 16 polegadas (40,6cm) por 24 polegadas (60,9cm) por meia polegada (12,7mm) de espessura. Sobre ela, as letras do alfabeto estão dispostas em dois arcos concêntricos, com os dez numerais embaixo e as palavras 'Sim' e 'Não' nos cantos superiores. A prancheta ou ponteiro é uma delgada peça de madeira em forma de coração que se move sobre três pernas sobre a placa maior, servindo o ponteiro para indicar as letras das palavras que vão sendo formadas. Duas pessoas são necessárias para operá-la. Elas colocam a ponta dos dedos levemente sobre o ponteiro e esperam. Talvez ele se mova, talvez não. Algumas vezes ele se move a esmo sobre a placa, sem formar qualquer palavra; às vezes ele forma palavras, mas é incapaz de construir uma sentença; mas freqüentemente reage com suficiente presteza aos impulsos que o controlam e até responde inteligivelmente às perguntas, ocasionalmente de forma a provocar a admiração e até o espanto dos circunstantes. A força que move o ponteiro tem sido atribuída por alguns à influência sobrenatural, por outros, ao subconsciente, mas a ciência tem considerado o assunto com desdém..." O termo que popularizou a*

prancheta, pelo menos na língua inglesa (ouija), teria sido formado do 'sim' em francês 'oui' e do sim em alemão 'já', o que me parece estranho, porque então não seria sim e não, mas sim e sim...

De repente, o ponteiro passou a deslizar rapidamente, como que impulsionado por uma vontade firme, decidida, de quem sabia muito bem o que queria. E as letras começaram a ser indicadas: "M-a-n-y... Many!"

Enquanto a senhora Pollard as anotava, o ponteiro continuou a indicar outras, até completar uma frase que assim dizia: "Há muitas luas vivi eu. Estou de volta... Patience Worth é meu nome."

- E daí? - perguntaram-se as damas. - Que nome esquisito! Quem seria Patience Worth e o que queria delas?

O ponteiro se incumbiu de anunciar, num inglês arrevesado, o seguinte:

Esperem, desejo falar com vocês. Na medida em que viverem, também eu viverei. Faço meu pão com o coração de vocês. Boas amigas, sejamos alegres. O tempo de trabalho é passado. Deixem a gata dormir e piscar sua sabedoria à lenha da lareira.

Traduzindo a tradução: a mensagem que a entidade desejava passar dependia da boa vontade das aturdidas senhoras presentes. Se elas quisessem colaborar, Patience faria, com a ajuda das emoções de cada uma, o 'pão' espiritual que tinha para oferecer, pois a gata cochilava preguiçosamente diante do borrarho, pronta para falar, braseiro daquilo que sabia.

Foi ali, naquela sala, naquela noite de 1913, que começou, no dizer de Litvag (p. 18), "um dos orais enigmáticos episódios literários e psíquicos (4) de que se tem notícia, um fenômeno que iria perdurar por cerca de um quarto de século."

(4) - Palavra que se costuma usar em inglês, para evitar-se o termo *mediunidade*, considerado 'comprometedor' por aqueles que não desejam envolver-se com essa história do chamado *ocultismo*.

E verdade. De certa forma, o 'enigma' Patience Worth continua insolúvel, noventa anos depois da apresentação de 8 de julho de 1913, enquanto escrevo isto em 2003. Botei a palavra *enigma* entre aspas mais por causa do clima de mistério no qual a própria autora espiritual envolveu sua identidade. Aliás, ela se recusaria terminantemente, mesmo sob a constante pressão da curiosidade dos circunstantes, a falar de si

mesma senão o mínimo necessário, informação essa que cabe num único e modesto parágrafo.

Segundo as escassas revelações que ela se permitiu, nascera na Inglaterra na primeira metade do século 17. Yost (apud Litvag, p. 55) caracteriza-a como "reticente" acerca de sua própria história, mas depreende-se da linguagem usada que ela teria algo a ver com os quakers (5) e que emigrara da Inglaterra para os Estados Unidos, possivelmente ainda jovem.

(5) - Os quakers - diz Aurélio, que registra o, verbete como quacre (quacres, no plural) - são os membros "de uma seita protestante (Sociedade de Amigos fundada na Inglaterra, no século 17, e difundida principalmente nos EUA. Os quacres não admitem sacramento algum, não prestam juramento perante a justiça, não pegam em armas, nem aceitam hierarquia eclesiástica."

De outras reticências suas, depreende-se que Patience vivera em Dorsetshire, um country (6) inglês, onde provavelmente teria nascido.

(6) - O termo indica um domínio administrativo, até hoje utilizado na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ao que depreendo, a palavra origina-se de count (conde) ou seja condado.

No verão de 1921, Casper Yost e a esposa foram à Inglaterra com o propósito de visitar o local. Em 4 de julho, pouco antes da partida do casal, Pearl Curran teve a nítida vidência de uma colina de onde se via o mar, as ruínas de um mosteiro - seguido por uma rápida percepção do edifício original - bem como uma pequena vila dotada de uma igreja, umas poucas mansões, alguns chalés e uma oficina de ferreiro. A impressão que ela teve foi a de que era ali que vivera Patience no século 17.

Sobre esse fenômeno, Patience fez um comentário, em sua linguagem habitual, dizendo:

A mão do tempo apaga as ninharias dos homens. Sim, mas digo eu, quando estiver naquele local e colocar as mãos sobre as pedras, você terá estado no ponto de onde sua amiga contemplava o mar.

Ao receber esse texto, a senhora Curran 'viu' Patience cavalgando na direção de uma escuna ancorada no porta, na qual ela e outras pessoas embarcaram.

Em seguida, a médium declarou haver visto Patience bem de perto (Litvag, p. 226). Ela puxara o capuz para trás, descobrindo todo o rosto.

Era muito mais jovem do que Pearl Curran havia imaginado. Não teria mais do que trinta anos. Os cabelos eram de um vermelho escuro, puxando para a cor do mogno; os olhos castanhos, grandes e profundos, a boca firme e contraída como a de quem reprime fortes emoções. Os cabelos haviam sido desarranjados quando ela puxou o capuz e eram formados por ondas largas e brilhantes.

A médium ainda a viu, enquanto a embarcação partia ao crepúsculo. ‘Era uma figura acinzentada, silenciosa, cansada e solitária, deixando sua terra natal... para onde?’

Sempre por meio de vagas e relutantes referências, soube-se que Patience foi para a América numa das levas de quakers, mas, daí em diante, nada de mais significativo foi revelado.

Onde teria vivido nos Estados Unidos? Até quando? Casou-se? Ou será que já viera casada da Inglaterra? Onde teria sido enterrado seu corpo? Ela fez questão de não explicitar mais nada. Aliás, não fazia segredo de que sua história pessoal somente a ela interessava. Entendia - com toda razão, a meu ver - que o importante era o conteúdo de sua mensagem, que, no correr de quase um quarto de século, atingiu a expressiva cifra de 3 milhões e 500 mil palavras, a maior parte das quais ficou inédita.

Seja como for, Yost e a esposa visitaram na região um lugarejo chamado Abbottsbury onde encontraram as ruínas do velho mosteiro (7) mencionado por Patience e que estava sendo usado como estrebaria. No alto da colina ficava a capela de santa Catarina, uma pequena e maciça construção de pedras. As casas eram muito antigas, solidamente construídas com pedras e cobertas de palha. "As poucas ruas eram estreitas e tortas - prossegue Yost, na carta que escreveu para os Curran - e os habitantes pareciam tão antigos quanto a vila. Tocamos as pedras com as mãos - continua ele - e, em seguida, descemos pela estrada até Portisham, a vila de Patience, local que se encaixa perfeitamente na descrição feita por ela e na direção que ela indicou."

(7) - *Abbott é abade, bury, do verbo to bury, significa enterrar, sepultar, ou seja, o vilarejo era conhecido como o lugar onde se enterra o abade.*

Visitaram, a seguir, uma diminuta vila de não mais que trezentos habitantes, rodeada por lindíssima paisagem. As casas pareciam realmente dos tempos de Patience, no século 17.

O cemitério paroquial [escreve Yost] está cheio de pedras tumulares, muitas delas tão velhas que nem mais as inscrições podem ser vistas. Decifrei uma delas ao lado da capela, datada de 1670. A capela parece ter sido aquela na qual Hope Trueblood (8) entrou certa vez.

(8) – *Personagem principal do livro do mesmo nome. A ação se passa na Inglaterra vitoriana (século 19) e ao contrário da maior parte de sua obra, Patience Worth ditou em linguagem, digamos, moderna, sem o arcaísmo habitual. Significativamente, contudo, o nome da heroína (Hope Trueblood) se traduz em português como Esperança sangue-de-verdade (ou sangue verdadeiro), assim como patience que quer dizer paciência e Worth, digno e merecedor.*

Yost informa que ali nasceu Thomas Hardy (1840-1928), conhecido romancista e poeta inglês. E conclui:

Estou perfeitamente convencido de haver estado na terra de Patience, estive onde ela esteve, toquei as mesmas pedras e, ao escrever isto, posso ver, ao levantar os olhos do papel, o mar que ela contemplava... Ninguém senão você [Pearl Curran, a médium] poderia entender o que este dia significou para mim.

Os questionadores de sempre dirão que Yost não prova que esses foram os locais nos quais Patience teria vivido sua remota existência no século 17. Podemos até concordar com eles, mas que tipo de prova desejariam?

Intrigado com o problema da identidade de Patience, Litvag oferece suas especulações, no capítulo II - o último (p. 289-299) - sob o previsível título "Who was Patience Worth" (Quem foi Patience Worth?), mas seu enfoque é sobre o fenômeno Patience Worth ou, mais especificamente, sobre o fenômeno literário, e não sobre sua biografia, da qual tão pouco se sabe.

Certamente ela teve suas razões para esconder-se atrás do biombo do anonimato. O próprio nome de que se serviu para identificar-se pode ter sido um pseudônimo; ao que parece, ela preferia que sua obra falasse por ela, independentemente de quem fora no passado.

No acalorado e extenso debate em torno dos enigmas de sua peculiar linguagem, (9) muito se falou sobre sua familiaridade com as épocas em que se passam suas histórias. Litvag (p. 34) aborda o espinhoso problema de "qual seria exatamente a origem da sua linguagem". Acrescenta que havia certo consenso de que seus textos não representavam, a rigor, nenhuma época específica na história da Inglaterra, mas um "estranho

compósito de línguas faladas em muitos lugares e épocas". Em outras palavras: uma língua que a própria autora espiritual teria criado a partir de um inglês arcaico, uma espécie de paciencês, se me permitem a brincadeira.

(9) *Veremos isso mais adiante.*

Isto, porém, é apenas parte do enigma. Patience Worth revelava nos seus escritos espantoso conhecimento de diferentes épocas, manipulando fatos, costumes e ambientes, tanto quanto aspectos históricos, topográficos, geopolíticos, econômicos, religiosos, o dia-a-dia da vida, enfim, como se lá estivesse.

Somente uma pessoa que tenha, de alguma forma, vivenciado os fatos poderia ter condições de escrever uma obra como *The sorry tale*. Não se trata do relato de alguém que tenha adquirido conhecimento puramente livresco do que ali se passou e do contexto em que tudo aconteceu.

A observação, contudo, não se aplica somente à histeria de Jesus; ela escreveu com a mesma competência e sensação de presença sobre temática medieval (Telka), sobre a Inglaterra vitoriana (século 19) e sobre a época de Shakespeare. Aliás, os pronunciamentos e escritos dela sobre o grande dramaturgo elisabetano ainda estão à espera de estudo e meditação menos preconceituosos. Há uma peça de teatro intitulada *An Elizabethan mask* - três dias na vida de William Shakespeare (p. 259), que merece, no mínimo, uma leitura por mera curiosidade que fosse.

Não faltou quem levantasse a hipótese de que Patience vivera nos tempos nos quais situava suas histórias ou peças teatrais. Ela própria dizia pertencer "a muitas épocas" (p. 66).

Eis um depoimento de William Marion Reedy, um dos grandes críticos literários do século 20:

Temos aqui alguma discussão sobre a época de Patience Worth neste mundo e do que ela própria disse em resposta a outro indagador, algo que poderia ser interpretado como, implícita admissão de que ela conhecia muitas, muitas épocas. (Apud Litvag p. 70.)

Numa conversa com John Livingstone Lowes, respeitada autoridade em literatura inglesa, em 7 de fevereiro de 1915, foi discutida a persistente questão de que a linguagem utilizada por Patience era um amálgama representativo de "muitos diferentes períodos" (Litvag, p. 85). Lowes

achou a resposta dela um tanto obscura e rephraseou cuidadosamente sua pergunta.

Patience mostrou-se irritada ante a insistência do erudito professor e respondeu num resmungo (grumble) de mau humor: "Venho caminhando por uma trilha serpeante desde então até hoje."

A frase foi interpretada no sentido de que "ela caminhara por uma longa e tortuosa estrada pela história afora, tornando-se familiarizada com muitos períodos e muitas línguas."

Tratava-se, evidentemente, de assunto sobre o qual ela não gostava nada de falar.

Lowes, no entanto, parece ter sido educado e sereno, mas obstinado.

"Você acha - perguntou ele - que as coisas sobre as quais você agora escreve são de sua própria experiência?"

"Sim - respondeu ela - e da sua e da de seu próximo."

O professor, comenta Litvag (p. 56), ciente do questionamento 'beligerante' de seu colega Wallen, no encontro anterior, tratava com toda a urbanidade possível a "dama de pavio curto" (quick-tempered).

Quando perguntou a Patience sobre seus poemas e peças de teatro, ela respondeu secamente:

"A aranha pensa quando tece a teia?"

Lowes reportou-se ao dito da sessão anterior, quando Patience mencionara o longo e tortuoso caminho que havia percorrido. - O que, exatamente, queria dizer aquilo? - perguntou ele.

Ela respondeu com algo incompreensível sobre partir uma pedra e um verme de casca dura, e concluiu:

"É isso, pois, ouça, como você, eu falo desde o começo dos tempos."

Quando o professor perguntou-lhe objetivamente quem era ela, a resposta foi esta:

"Eu sou Ele, como você. Você é d'Ele."

Por estas e outras, há quem fale acerca do panteísmo de Patience.

O problema da origem do conhecimento demonstrado pela autora espiritual foi, na opinião de Casper Yost (apud Litvag, p. 160), o mais desconcertante em uma personalidade já de si mesma enigmática. E era mesmo.

Para preservarem-se do envolvimento nos aspectos ditos 'ocultistas' do

fenômeno, os estudiosos preferiam concluir que Pearl Curran - mesmo se houvesse se dedicado uma vida inteira a familiarizar-se com todo o conhecimento disponível acerca da Palestina, o que, aliás, não aconteceu - ainda assim não seria capaz de escrever um livro com tanta verossimilhança.

Para resguardar-se, ele próprio, de qualquer suspeita de envolvimento nos aspectos espiritualistas do caso, Litvag também toma suas precauções, como se pode ler do texto que, a seguir, traduzo (p. 160):

Quanto a isso se alguém prefere tomar o caminho do espiritualismo neste caso [destaque meu], onde foi que Patience Worth adquiriu o conhecimento que revela?

Ainda que fosse [destaque meu] uma entidade inteiramente separada de Pearl Curran, o espírito de uma mulher morta, como ela deixava implícito, vivera na Inglaterra e, mais tarde, na América. Ela jamais mencionou qualquer experiência pessoal com a Palestina. Onde foi que ela [destaque do autor] adquiriu conhecimento necessário para escrever *The sorry tale*? A única tentativa para responder a essa pergunta deveu-se à capenga afirmativa feita pelos expoentes da reencarnação de que a senhora Curran ou Patience viveram passadas existências na Palestina ao tempo do Cristo, e que, de alguma forma, tinham a aptidão de mergulhar de volta nas memórias daquele tempo.

Pelo menos com a senhora Curran, isto jamais aconteceu, pois nunca se interessou por qualquer coisa arcaica ou por antigos livros de literatura inglesa.

Mas Patience Worth, em seu novo livro, (10) entra na Palestina de há 2000 anos e revela um conhecimento das minúcias da vida naqueles tempos que é simplesmente espantoso". (11)

(10) - *The sorry tale (A História Triste)*

(11) - *A citação é novamente de Yost.*

Mesmo Yost, contudo, não se arriscou para além disso, acrescentando, sempre cauteloso, que seria "difícil evitar a conclusão de que, pelo menos neste caso, há qualquer coisa fora da personalidade humana... parece indubitavelmente haver algo que viveu na carne e que continua a viver quando a carne se extingue".

Como se percebe, ele 'arriscou' a hipótese de que alguma coisa na

pessoa humana pode sobreviver à morte corporal. Não se atreveu, contudo, a mencionar - só por mencionar - a possibilidade, não somente de sobreviver, mas também de 'nascer de novo', como, aliás, ensinou o próprio Cristo, em pelo menos duas passagens: na conversa com Nicodemos e no diálogo mantido com seus discípulos, ao declarar que João Batista era a "próprio Elias que tinha vindo", e que não foi reconhecido como um dos grandes profetas de outrora, e ainda fizeram com ele tudo quanto quiseram.

Compilando uma espécie de consenso entre "numerosos escritores e críticos de prestígio... a identidade verdadeira de Patience Worth merece longos e sérios estudos" (p. 161).

Intrigado com a questão, para a qual não dispunha de qualquer hipótese razoável, a não ser recorrendo ao chamado 'ocultismo', Litvag volta ao tema no capítulo final, onde tenta decifrar o enigma Patience Worth. E continua extremamente cauteloso:

Apenas para argumentar, contudo, vamos admitir, por um momento, que Patience Worth fosse realmente um espírito. Isso nos levaria a uma verdadeira multidão de perguntas para as quais não temos resposta: Por que ela escolheu Pearl Curran?

Depois que Pearl morreu, por que Patience não continuou transmitindo seus escritos por outra pessoa? Patience era uma mulher do interior da Inglaterra; onde, portanto, teria adquirido a aptidão para escrever daquela maneira? Se já era miraculosa para Pearl Curran a capacidade de escrever com aquela competência, isso seria válido também para Patience Worth. Se Patience viveu no século 17 como alegava, como é que ela conhecia o suficiente da Inglaterra vitoriana para escrever Hope trueblood? E, ao reverso, onde ela teria adquirido o conhecimento da Palestina do tempo do Cristo? (p. 292)

Ele ainda se esqueceu de mencionar outras narrativas e, pelo menos, uma peça teatral cuja ação se passa na Idade Média.

Mesmo com todas as suas cautelas, Litvag mostra-se realmente perturbado ante um enigma que lhe desafia a inteligência e a cultura. O máximo que poderia conceder seria a hipótese de que Patience tenha sido uma 'invenção' ou fantasia do inconsciente de Pearl Curran que, de alguma forma, dissociou-se dela a tal ponto que havia duas personalidades

distintas convivendo no corpo dela. Continua ele:

Essa é a menos perturbadora das alternativas. Os intelectuais podem aceitá-la alegremente sem nenhum risco de comprometer suas respectivas integridades [destaque meu]. Pode-se segura e confortavelmente, apontar para ela sem deixar a segurança do decoro científico. (p. 293)

O autor confessa, no entanto, seu desconforto até mesmo com essa hipótese, que, a seu ver, não comprometeria a reputação de ninguém. Por isso, volta ao problema não resolvido do ‘conhecimento’ demonstrado pela autora, fosse ela quem fosse.

Ainda que Patience fosse apenas uma personalidade secundária (12) ela demonstrava ampla erudição. Se havia uma produção literária a partir de tais informações, tinha de haver um imput prévio. De onde?

(12) - Essa teoria estava em plena força naquele tempo, baseada na indiscutível autoridade do eminente doutor Morton Prince, que alias, estudou pessoalmente o caso patience Worth. Você que, eventualmente, esteja interessado no tema deve ler meu livro Condomínio Espiritual, onde figura uma análise do caso Beauchamp, longamente estudado pelo doutor Prince.

Em suma: para entender o fenômeno Patience Worth e a força de sua criatividade, de seu conhecimento de diferentes épocas do passado e - como tantos reconheceram explicitamente - sua genialidade, torna-se inevitável recorrer à desprezada, ‘perigosa’ e indigesta realidade espiritual subjacente em tudo quanto ela disse e escreveu. Em outras palavras mais explícitas: que ela era uma entidade espiritual independente que operava através do psiquismo - ou melhor, da mediunidade - de Pearl Curran. Isso era e, de certa forma, continua sendo impensável para a maioria esmagadora dos intelectuais - escritores, jornalistas, críticos, cientistas, profissionais das ciências psi e outros pesquisadores da mente.

De minha parte, me alinho entre os ‘suspeitíssimos’ reencarnacionistas há pouco mencionados e vejo-me obrigado a acrescentar que Patience Worth tinha de ser, necessariamente - e de fato, era - uma entidade reencarnante. Ou seja, vivera, como todos nós, numerosas vidas na Terra ou alhures; não era uma simples estudiosa de diferentes períodos, mas testemunha viva dos cenários e eventos nos quais situava suas numerosas personagens fictícias ou reais. Suas histórias não se movem num clima de erudição meramente literária de quem teria estudado a fundo as épocas a

que se refere, ela parece ter ‘estado lá’ em vista dos convincentes depoimentos testemunhais que oferece, pintando com as dramáticas cores vivas do realismo os costumes, as línguas que falavam, as religiões que professavam, as idéias que discutiam.

III

O Enigma (já resolvido) da reencarnação

Mas esse não é o ponto crítico do enigma. Para mim, o espantoso é que, inexplicável e paradoxalmente, ela se declarava contrária ao conceito da reencarnação.

Pois é aqui que tenho minhas próprias perguntas a formular. Por que teria assumido tal atitude? Tentava ocultar algo para continuar preservando obstinadamente sua identidade? Ou melhor, suas identidades? Estaria, ela própria, envolvida pessoalmente naqueles episódios, com todos os seus conflitos e os sofrimentos deles decorrentes? Ou, ainda, evitou trazer para seus relatos o problema mesmo da reencarnação para não provocar reações ainda mais explícitas ao seu trabalho?

Como se percebe, ao percorrer os acirrados debates em torno de tais questões, há depoimentos de pessoas cultas e respeitáveis preparadas para admitir, mesmo como hipótese, a incômoda idéia da sobrevivência do ser e até a da comunicabilidade entre ‘vivos’ e ‘mortos’, mas, reencarnação, não, pelo amor de Deus! Acreditar na doutrina das vidas sucessivas ou, sequer, mencioná-la era atrair para si mesmo o estigma da credice, da fantasia, da superstição, em suma, da ignorância, ou do desarranjo mental. Era e continua sendo elegante renegar a realidade espiritual, especialmente nos sofisticados círculos intelectuais pelo mundo afora. Temos visto, na análise do caso Patience Worth, as voltas e estratagemas que seus comentaristas utilizam para deixar bem claro que eles nada têm a ver com os aspectos tidos por ‘ocultistas’ ou espiritualistas da vida. Mas que a própria Patience Worth tenha se esforçado por se colocar contra a reencarnação é algo, não diga inexplicável, mas inexplicado, ou, no mínimo, não explorado. Isso porque ela demonstra indiscutível familiaridade com outros aspectos daquilo que insisto em chamar de realidade espiritual. Ela própria é uma demonstração viva e convincente da sobrevivência do ser à morte corporal, conhece bem os mecanismos da mediunidade, da vidência e da chamada clarividência itinerante, ou seja, a

faculdade de deslocar-se no espaço e no tempo, a fim de narrar o que se vê e se percebe; reproduz numerosas cenas de transe mediúnico, pelo menos em *The sorry tale*; fala com surpreendente desenvoltura e competência sobre o que chama de "in-man" (literalmente, o homem que fica do lado de dentro de cada um de nós), também conhecido por numerosos sinônimos, como eu superior, individualidade, espírito (terminologia doutrinária espírita), inconsciente ou, ainda, como quer o I Ching, o livro das mutações, o muito citado "homem superior". (13)

(13) – Para que se diga que estou explorando o território do ocultismo – do que, alias, não me envergonharia – sugiro a leitura dos instigantes estudos do Doutor Carl G. Jung sobre o assunto, em seu prefácio para a tradução alemã do I Ching feita pelo seu erudito amigo e sinólogo Richard Wilhelm. Não apenas ai, mas nos textos em que se fala das consultas que o eminente doutor fazia ao Livro das Mutações, por motivos pessoais e até para orientar os casos clínicos de que ele e seus discípulos cuidavam. Mais amplas especulações sobre isto, você encontrará em meu livro Alquimia da mente.

A pessoa que revela esse grau de conhecimento dos segredos e mecanismos do espírito não poderia simplesmente ignorar o conceito fundamental da reencarnação, que mantém a realidade invisível como um bloco compacto, consistente e inseparável de verdades que integram um conjunto de conhecimentos indispensáveis ao entendimento da vida.

Vamos ver como é que Patience Worth tratou esse problema em diferentes pronunciamentos.

Certa vez, quando William Reedy lhe perguntou à queima-roupa quem teria escrito as peças de Shakespeare, Patience hesitou, queixou-se da pergunta, dizendo que ela queria cuidar apenas do 'chá' ou da 'bebida' que ela preparava - ou seja, de seus próprios escritos - e não do que outros faziam. (14)

(14) – Eu próprio andei metendo minha tosca colher de pau nesse caldeirão. Minhas reflexões alinhadas sobre o tema figuram no artigo “ Shakespeare – um mistério multissecular”, publicado na revista Reformador, outubro de 1979, pp. 327-334.

Ao comentar o episódio, Litvag (p. 66) lembra que Patience deixara implícito, em outras oportunidades, que ela viveu em muitas épocas diferentes. O que, aliás, repetiu a outro entrevistador, como consta do livro de Litvag (p. 70), conforme vimos aqui mesmo neste texto.

Pouco adiante, como também vimos, ela reconhece que "fala desde que o tempo começou" (p. 86) .

O mesmo Reedy diria mais adiante (p. 109) que, em *The sorry tale*, Patience descreve uma noite num deserto da Arábia de modo irretocável, que nem o próprio Robert Hitchens seria capaz de superar nos detalhes, e que descrições de outros tempos e locais eram igualmente fiéis às condições e situações locais.

Sobre essa temática, entretanto, há que se examinar mais de perto aquilo que Litvag considera "o mais bizarro episódio de toda a estranha história de Patience Worth" (p. 137).

Para disparar logo o míssil, Litvag diz que Patience resolveu tornar-se mãe. Não dá para reproduzir aqui a casa com todas as suas minúcias; temas de nos contentar com um resumo do resumo.

Patience queria que Pearl e John Curran adotassem uma criança que estava para nascer, e da qual ela, Patience, se considerava mãe verdadeira. Como sempre, foi vaga e obscura nas indicações que deu sobre o assunto, quando Pearl quis saber de mais detalhes. Por exemplo: como localizar a criança? Patience respondeu que cuidaria disso, afirmando, enigmática como sempre: "Espera. Quando teus olhos caírem sobre ela, teu coração dará um salto."

Algum tempo depois, Pearl continuava sem saber o que se passava e como proceder. Quem sabe a criança seria encontrada à porta da casa de Pearl, como acontece nos romances e nas novelas?

Mas não era isso, como objetou Patience:

Você pensa que a ovelha vem ao encontro do pastor sem que ele a chame? Não. Ele deverá procurar por ela, e tua serva [a própria Patience] fará com que teu coração dê um salto, e você, você e você [dirigindo-se às outras senhoras em torno da prancheta], amores meus, começarão a se aquecer às emoções do amor.

Quanto à criança - seria uma menina - Patience a descreveu em um texto igualmente emocionado e poético:

[...] ela tem o tope incendiado (cabelo vermelho)! E mais, vejam bem, Ele amou-a tanto que despejou sobre ela o dourado de sua mais extraordinária obra, o brilho do sol flamejante, a fim de mostrar o rico tesouro do ouro.

E aqui, encontro o primeiro de vários outros ‘ganchos’ onde pendurar minha convicção de que, por mais que desejasse, Patience não ignorava e nem rejeitava a reencarnação. De que modo ela explicaria o fato de que uma pessoa que Jesus e ela própria conheceram em outra vida tenha (re) nascido em pleno século 20?

Por sua vez, o St. Louis Republic, órgão da imprensa local, informou que os seguidores de Patience achavam que o bebê seria a reencarnação da própria Patience, o que seria, no mínimo, incongruente, dado que Patience seria, por muitos anos, presença constante e atuante no grupo mediúnico, comunicando-se, inclusive, com a própria adolescente que ela considerava como sua filha. Não poderia, portanto, estar ao mesmo tempo na dimensão espiritual como espírito e como ser encarnado.

Por mais estranho que possa parecer, contudo, Patience Worth declarou-se reiteradamente contrária à doutrina da reencarnação. Para ela, uma vez criado, o espírito seria eterno, ou seja, para sempre. Podemos perceber que, a rigor, isso não quer dizer que o espírito não se reencarna, e sim que é imortal. Mas ela foi mais explícita em outras ocasiões.

Litvag (p. 140) transcreve um de seus pequenos poemas no qual assim se expressa: "Quem desejaria ser uma criança, se o céu fosse um renascimento? Qual a graça do jogo? Tornar-se criança novamente, sem qualquer lembrança do passado? A vida, então, seria uma coisa vã."

O ‘argumento’ é, contudo, nada convincente e até mesmo contraditório. O fato de não nos lembrarmos do que aconteceu em existências passadas não é suficiente para negá-las, pois muito do que nos acontece nesta vida mesma não fica retido em nossa memória de vigília. Por outro lado, não há como ignorar mais a evidência suprida pelas técnicas modernas de regressão de memória, que nos levam a contextos passados dos quais não temos, conscientemente, a menor idéia. Em outras palavras: nascemos com o consciente zerado, não o inconsciente. E, mesmo para o consciente, vazam com frequência, em numerosas pessoas, lembranças espontâneas e detalhadas de vidas anteriores. Neste sentido, o testemunho científico do doutor Ian Stevenson é definitivo e Irrefutável.

Ao comentar um de seus numerosos colóquios com Patience Worth, William M. Reedy lembra (Litvag, p. 70) que, em conversa com outro visitante, ela deixara claro que "Conhecia muitas, muitas épocas".

Em algumas oportunidades, contudo, Patience deixa transparecer que não tem como explicar certos episódios senão recorrendo sutilmente à doutrina das vidas sucessivas.

Isso ocorre, por exemplo, quando ela escreve um poema de grande beleza dedicado à menina que ela chamava de Patience Wee Curran. (15)

(15) – A língua inglesa não tem diminutivos a maneira das línguas latinas, como pequenino, menininha, e nem os superlativos como caríssimo, lindíssimo etc. Por entender carinhosamente a menina como uma pequenina Patience, a autora espiritual emprega o termo wee, que quer dizer exatamente isso: “muito pequena” (very little)

Esse poema - de apenas três quadras - termina dizendo que eles (quem?) a moldaram e deixaram-na voar "de volta às aflições suscitadas pelas profundas tristezas do mundo, a fim de que ela, a Patience maior, pudesse expressar seu amor pelo Cristo".

Em outra oportunidade, parece que novamente ela se deixa trair em sua alegada rejeição pela doutrina das vidas sucessivas.

Visitava-a naquela noite um erudito cavalheiro, o juiz Corliss, que disparou para a entidade uma pergunta inesperada: o que significava a palavra sockman? Entre os presentes, ninguém sabia. (16)

(16) – Não encontro o termo nem mesmo no meu respeitável Webster, tantas vezes aqui elogiado. Com toda a justiça, aliás.

Pearl Curran também não tinha a menor idéia do que fosse aquilo, mas teve a visão de um homem caminhando atrás de um tosco arado, enquanto o sangue lhe escorria das mãos.

Em seguida, Patience escreveu, na hora, um dos seus lindos poemas, que começa dizendo: "a vida é a vestimenta da eternidade, que, por sua vez, é a vestimenta do próprio Deus".

Prossegue ensinando que cada um de nós tem sob sua guarda um fio de duro tecido no coração radiante de Deus. Podemos tecer com aquele fio o que desejarmos. Somos como lançadeiras, desenhando a imagem da Esperança na urdidura da Fé, no tear do Amor. (17) Continua dizendo que, a despeito de nossas ‘rebeliões’, temos de nos dedicar a tecelagem.

(17) – São essas, alias as chamadas “três virtudes teologais”, segundo me ensinava o antigo catecismo dos tempos de criança. Paulo dedica todo o capítulo 13 de sua primeira Carta aos Coríntios a esse tema. É um texto poético, imortal e irretocável.

E acrescenta: E aquilo que não estiver perfeito, ele terá que tecer novamente, pois assim exige a misericórdia desse Deus justo, cuja obra é perfeita."

Onde e quando iríamos corrigir o desenho errado da tapeçaria, senão no correr de outras e outras vidas de volta à matéria, até que tenhamos aprendido a lidar com ela para construir e caminhar, e não para demolir e estacionar?

Referindo-se a Patience como um gênio, o professor Charles Cory observa (Litvag, p. 277):

Coisa que suscita interesse especial nessa literatura [de Patience Worth] está em que a maior parte dela reflete a vida e os costumes de outros tempos, e o faz com uma intimidade que espanta o leitor.

Num período difícil para a família Curran, quando John, o marido de Pearl, passou algum tempo no hospital, Patience escreveu várias mensagens de encorajamento e ternura. Uma delas foi transcrita por Litvag (p. 225). Vejam que beleza:

Meu amado, não é a primeira vez que venho até você. Tenho lhe oferecido por almofada o bálsamo de minha própria alma, e ainda que seu corpo chore, lembre-se, meu muito amado, tenho vindo e jamais o deixarei.

A não ser, pois, recorrendo à doutrina das vidas sucessivas, como explicar a própria Patience Worth? Atormentado pelo enigma, escreve Litvag (p. 292):

Se Patience foi uma mulher nascida no interior da Inglaterra, onde teria aprendido a escrever daquela maneira? [...] Se ela viveu no século 17, como alegava, como é que sabia tanto a respeito da Inglaterra vitoriana para escrever Hope trueblood?

A resposta é simples, mas ao mesmo tempo arrasadora para o ingênuo conceito de que vivemos uma só vida: Patience, como qualquer um de nós, viveu numerosas vidas em diferentes épocas e regiões e viverá outras tantas.

Ah, ia me esquecendo de algo.

O juiz Corliss era de uma espantosa erudição lingüística. Ao perguntar o que significava o termo sockman, imaginava que nem mesmo Patience Worth saberia responder. Enganou-se. Ela não apenas sabia, como

escreveu sobre o tema um belo e comovente poema, como vimos. A você que me lê, respeito sua posição, e até sua suspeita de que eu estaria vendo a reencarnação por toda parte, o que seria absolutamente verdadeiro. Estou mesmo; leio naqueles versos sutil referência às vidas que temos de viver para consertar a trama errada dos tapetes que vamos tecendo. O sockman da vidência de Pearl Curran estaria sofrendo sob as duras (mas educativas) prescrições da lei cósmica, corrigindo através da dor o desenho errado traçado por antigas arbitrariedades e insensibilidades. Costumo dizer que somente aprendemos que a dor dói nos outros quando dói em nós. Melhor do que eu, no entanto, disse a entidade que se identificou como "Sua foz", ao escrever, em A grande síntese, de Pietro Ubaldi, que a dor é a Grande Mestra.

Bem, mas o que é sockman, afinal de contas?

Corliss explicou que, nos regimes feudais na Idade Média, o lavrador tinha esse nome. E que, usualmente, trabalhava tão intensamente com seu rústico arado que as mãos ficavam em carne viva, a escorrer sangue.

Patience passou à sua amiga e médium Pearl a visão de um pobre homem segurando com as mãos sangrentas as hastes de um arado primitivo. E, no poema, fala da responsabilidade que temos com o fio de ouro nas mãos, e adverte que seremos sempre forçados a refazer aquilo que não fizemos bem feito.

IV

Patience, a impaciente temperamental

Para continuar nossa conversa, se tão pouco sabemos da vida (das vidas, diria eu) de Patience Worth, é possível traçar um perfil razoavelmente nítido do temperamento da curiosa entidade.

Revelou-se ela dotada de uma forte e afirmativa personalidade, consciente de suas responsabilidades, positiva e de uma franqueza que raiava à rudeza e, em alguns casos, pouco se distanciava da grosseria. Se entendesse que alguém era ou se fazia de imbecil, ela empregava o termo correto: burro. Às vezes, observações bem-humoradas eram elaboradas em palavras mais civilizadas, em tom fraterno e tolerante.

São numerosos os exemplos.

Logo no início, na primeira sessão semanal em seguida àquela na qual ela se anunciara, escreveu na prancheta: "Esteja em paz, coração cansado. Deixe somente a luz do sol iluminar o santuário interior. Um raio apenas se filtrará e aquecerá tua gelada alma." (p. 30)

Litvag, que consultou meticulosamente os 29 volumes da documentação do caso, oferece algumas "amostras do sarcasmo de Patience Worth": "Uma das coisas estimulantes sobre o caráter dela está no tom severo e as vezes cáustico de sua perspicácia. Não há nada de boazinha nela, que, com freqüência, revela uma língua viperina.

Uma de suas primeiras 'implicâncias' foi com a mãe de Pearl Curran, a senhora Pollard, que, a seu ver, falava demais.

Logo na sessão inicial de 8 de julho, ela despachou este petardo para a pobre senhora:

Você fala demais; quer fazer silêncio, sua feiticeira.? Muito ruído para um só ganso. A coruja é silenciosa e, por isso, é tida por sábia. Uma galinha sensata não põe o ninho em perigo com um barulhento cacarejo.

Consta dos arquivos que as senhoras chegaram logo a conclusão de que Patience desejava ser tratada com consideração e, respeitosamente, pediram-lhe que continuasse.

Em 19 de setembro, no dizer de Litvag (p. 39), novos 'mísseis' foram

disparados contra a senhora Pollard. Há que reconhecer, contudo, que a mãe de Pearl, de certa forma, provocou a pouco paciente Patience.

"A língua dela é afiada - comentou Pollard. - Gostaria que ela exibisse seu lado mais afável.

"O pirulito - respondeu Patience - não é mais que um causador de dores."

Pollard interpretou isso como crítica velada ao seu bom apetite, e parece que acertou, pois Patience despachou outro "míssil": "Um velho ganso engole os grãos como um gansinho."

Queixou-se a boa senhora de ter sido chamada de "velha ganso" e acabou concluindo que estava se acostumado com as implicâncias da entidade; no entanto, gostaria que Patience lhe dissesse também algumas palavras menos amargas, para agradá-la.

"O amor tem olhos brilhantes - disse Patience. - Será que você se consideraria lisonjeada em ser uma dessas escolhidas?"

Certa vez, Pearl Curran não gostou de uma expressão usada pela entidade.

"Você espera encontrar pelo de raposa no rabo de um burro?", disparou.

Pearl insistiu em dizer que a imagem literária da outra - "um rosário de lágrimas", não era nada original.

"De nada vale sua astúcia - foi a resposta. - Nunca se viu uma prece coalhar o leite."

A senhora Hutchings observou, em outra ocasião, que em vista de uma referência desrespeitosa ao rosário, Patience não parecia ser católica.

"Para apanhar uma mosca - declarou a entidade - você precisa de um cachorro?"

Depois de mais umas farpas atiradas contra a senhora Pollard, a pobre dama queixou-se, dizendo que Patience estava sempre na melhor forma quando zombava dela, Pollard. Resposta: "Cutuque a traseira de um burro e você certamente levará um coice."

A médiuns menciona outros episódios nos quais era severamente repreendida pela entidade por meter-se a 'corrigir' ou colaborar mais do que devia na composição dos textos mediúnicos.

Certa vez, enquanto recebia The sorry tule, Pearl viu claramente uma trilha que passava pela região pedregosa onde a cena acontecia.

[...] imediatamente - escreveu ela (apud Litvag, p. 145) - minha mente reparou consigo mesma: que lugar mais pedregoso! E minhas mãos registraram através da prancheta 'o ruído das pedras'." Prontamente Patience interferiu para me perguntar por que eu colocara minha própria linguagem na sua 'infusão' e corrigiu...(18)

(18) – *Torna-se indispensável explicar um detalhe lingüístico neste ponto. Patience trocou a palavra rock, que a médium botara por sua própria conta, por Stones. Mas afinal das contas, perguntara você, rock e stone são as mesmas coisas? São e não são. O Dicionário Michaelis ensina que rock quer dizer "1. rocha, rochedo; 2 .penhasco, recife, escolho; 3. pedra." E stone se define como "1.pedra, rocha, rochedo; pedaço de rocha, pedregulho, seixo, calhau" E daí, então? - insistira você. No antiquado e singular inglês de patience Worth, ela usa exclusivamente o termo stone; rock não configura nele em nenhuma parte.*

Em outra oportunidade, não menos indignada, Patience "puxou a orelha" de sua amiga e médium, porque esta se metera novamente a modificar-lhe o texto. Curran escreveu a palavra soup (sopa) e, imediatamente, a entidade observou, com sua maneira 'cáustica', como diz Litvag, que a "tola" (a médium) estava botando coisas na sopa que ela estava cozinhando, pensando que sua água rala fosse um caldo substancioso.

Coisa semelhante aconteceu quando estava sendo escrito Hope trueblood, o romance cuja ação se passa na Inglaterra vitoriana. Curran escreveu: "meus olhos caíram ao chão".

"Como é que você deixa seus olhos caírem ao chão, sou burra (dullard)? Diga 'uma olhada de relance' (glance)."

Suas mais agudas e certeiras flechadas, contudo, estavam reservadas para mais tarde, quando enfrentou os teimosos e pouco amáveis questionadores de sempre. O doutor Morton Prince, por exemplo, era respeitada autoridade em medicina e psicologia, autor, aliás, de um clássico sobre personalidade múltipla, *The dissociation of a personality*, do qual me vali para escrever um capítulo de meu livro *Condomínio espiritual*.

Quando o cientista lhe perguntou, meio mal-humorado, por que não usava linguagem moderna, ela respondeu que, se o fizesse, iriam dizer que o texto era da própria Pearl Curran.

Da segunda vez que o doutor Prince veio entrevistá-la, Patience disse,

logo de início:

"E então! Aí está o velho."

O doutor Prince parecia ainda mais irritado do que da primeira vez e, a certa altura, despachou-lhe uma expressão um tanto inconveniente (darn). Ela rebateu prontamente:

"Você disse uma palavra que, na minha época, seria imprópria para um cavalheiro."

"E como você diria, então?"

'Dang.' (19)

(19) – *Recordo ao webster para ficar sabendo que o significado do termo era equivalente a damn, provavelmente mais apropriado para um cavalheiro, ou menos inconveniente. Alias, o dicionário informa que a palavra foi usada efetivamente entre 1780 e 1790, o que 'data' com precisão a enigmática personalidade de Patience Worth.*

Damn – diz ainda Webster, e disso eu sabia – sem ser um palavrão, e, em alguns casos, considerado um imprecisão, ou seja disparada por quem está de mau humor, como foi o caso nesta passagem. Patience teve, pois, suas razões para repreender o ilustrado doutor com quem conversava.

Quanto aos políticos do congresso americano, eis a ríspida avaliação de Patience: São asnos que se põem a zurrar dizendo que aquilo é a voz do povo."

Sem comentários. Não quero me comprometer. Vamos ficar somente no congresso americano...

James Hyslop, outro respeitado (e ranzinza) pesquisador de fenômenos insólitos, também foi alvo de algumas farpas de Patience. Como de hábito, ele empenhou-se em desmascarar a pobre médium que, a seu ver, estava simplesmente "inventando" aquela história de espírito comunicante. De outra vez, quando o grupo que freqüentava regularmente as sessões em casa dos Curran manifestava explícita irritação contra Hyslop, Patience comentou: "Vocês ainda precisam aprender que jamais se viu um campo florido, verdejante e coberto de profunda e macia grama, sem que um asno se ponha a pastar nele."

V

A teologia de Patience Worth

Os amigos da enigmática entidade resolveram, a certa altura, publicar um periódico que, aliás, teve vida curta e encerrada com substancial prejuízo financeiro para John Cursa, marido da médium Pearl. Litvag transcreve (pg. 172-173) um resumo dos ensinamentos de Patience Worth, depois de explicar que ela não era adivinha, cartomante ou dedicada à buena-dicha. Litvag caracteriza esse texto como um resumo da ‘teologia’ da autora espiritual. Ei-lo:

Deus existe.

Ele é nosso Pai, e a outro nome dele é Amor.

Ele conhece seus filhos e filhas, seus sentimentos, suas fraquezas, seus erros e os compreende.

Ele se solidariza com as dores e as tristezas de todos e sussurra-lhes o consolo ao ouvido; basta prestar a atenção.

Ele diria a todos que a provação da vida constituem matéria prima com a qual se constrói a alma; que a terra é um mero ponto de partida rumo a eternidade, e os transtornos e dificuldades são essenciais aos fundamentos da alma.

Ele diria que o edifício pode não ficar concluído aqui, mas a obra continua e continua, até que esteja inteiramente concluída, e Ele derrama constantemente seu amor sobre ela.

Ele diria que não condena ninguém, e procura sempre levantar aquele que tomba. Ele pode até lamentar-se ante as transgressões cometidas e irritar-se ante as perversidades, mas isso não passa de lamentos e irritações do amor.

Ele diria que não destrói suas criaturas, mas as preserva para a imortalidade, que deve ser conquistado, mas que todos podem conquistá-la e todos a conquistarão.

Ele diria que está sempre com eles, que jamais os abandona e nunca os abandonará, neste mundo e no outro.

Diria que Ele não é para ser temido, mas amado, pois no exercício do

amor-amor (20) por Ele, amor por aquilo que lhe pertence, seus próprios filhos e filhas, é que se constrói a alma em sua plenitude.

(20) – *“Love-love” (amor-amor) é uma das numerosas peculiaridades do estilo de Patience Worth. É a sua maneira de dizer que é um amor sem restrições ou reservas, um amor verdadeiro, puro, integral e não um meio amor.*

Ele lhes diria: Esperem! Sejam pacientes! Assim será.

Eu teria alguns reparos a sugerir a esse texto; nada de relevante, porém. Não vejo a eternidade como coisa a ser conquistada - uma vez criados, somos imortais, onde quer que estejamos no tempo ou no espaço. Não atribuiria a Deus posturas como a da irritação perante as faltas que cometemos. Aliás, o original inglês ainda é mais enfático - anger - que pode ser transposto para a língua portuguesa como zanga, ira, fúria, cólera e até ódio.

Quanto ao mais, nada teria a retocar, nem na forma nem no conteúdo.

VI

A realidade espiritual nos escritos de Patience Worth

Já que estamos falando disso, convém ampliar os comentários sobre o conhecimento de Patience acerca dos diversos aspectos da realidade espiritual, alguns dos quais somente encontráveis em pessoas mais familiarizadas com as sutilezas e complexidades do assunto.

O que, aliás, se coloca em veemente contraste - não há como evitar a palavra - com a explícita ignorância dos críticos, escritores, estudiosos, pesquisadores, cientistas de várias especialidades que se debruçaram sobre o que ela disse e escreveu, bem como sobre o mistério maior de sua personalidade e de sua identidade.

Como entender e explicar um gênio literário daquele parte em termos de um modelo cultural que não admite as premissas sobre as quais o próprio fenômeno está assentado:

A abordagem de alguns dos mais credenciados, como a dos Prince, Marton e Walter - parece que não são parentes - é categórica e inflexível: Patience Worth não pode ser um espírito sobrevivente de modo algum, porque os espíritos não existem. Não há, portanto, o que sobreviver no ser humano e ainda que isso fosse possível, morto não pensa, não fala e não escreve, porque não tem cérebro físico para pensar.

Outros menos radicais até demonstram desconfiada propensão para admitir que, afinal de contas, quem sabe, talvez, por hipótese, o espírito possa mesmo existir, sobreviver e até comunicar-se, mas aí se cria outro problema não menos grave: ninguém deseja envolver-se com um assunto tão esquisito como esse.

Acontece que, depois de considerável período de tempo durante o qual o fenômeno Patience Worth ocupou as manchetes da época e espaço em numerosos estudos críticos e científicos, fez-se um silêncio diríamos mortal em torno da autora espiritual, e seus escritos passaram a ser ignorados.

O que teria acontecido?

Litvag (p. 234) não faz segredo: é óbvio, para ele, que:

[...] muitos críticos e antologistas [poderia ter acrescentado cientistas] abandonaram Patience Worth simplesmente porque temiam envolver-se com uma escritora de tão problemáticas e controvertidas origens. De alguma forma n caso parecia marcado por um estigma [de quê? Fraude? Sensacionalismo? Insanidade?] que levava os críticos e antologistas que se prezavam a afastarem-se dele, levantando desdenhosamente a barra das saias como uma austera velhinha vitoriana ao passar por cima de uma poça de lama.

A propósito, Litvag colheu no livro do doutor Walter Franklin Prince um depoimento que confirma esse fato lamentável. Declarou o doutor Prince (Litvag, p. 234) saber de várias autoridades literárias que elogiavam o trabalho de Patience Worth em particular, mas se recusavam terminantemente a fazê-lo em público.

O ilustre pesquisador resolveu testar uma dessas autoridades, destacado professor universitário de literatura, que falara ao próprio Prince, durante cerca de quinze minutos, sobre a produção literária de Patience Worth.

Quando solicitado a reduzir a termo sua entusiástica avaliação, o homem 'apagou-se' discretamente e nem respondeu à carta do doutor Prince.

Não foi essa a única solicitação. Doutor Prince escreveu a vários outros intelectuais de considerável peso específico, cuja opinião era abertamente favorável aos textos de Patience, solicitando-lhes uma declaração nesse sentido, com o expreso compromisso de não lhes revelar os nomes, caso assim o desejassem. Ninguém lhe respondeu. "Eu, hein? - devem ter pensado - arriscar minha reputação com essa história de espírito, sobrevivência, mediunidade."

Veja a conclusão do doutor Prince:

Há razões para minha crença [escreve ele (apud Litvag) em *The case of Patience Worth*] de que, se nada houvesse sido dito sobre Patience Worth e a prancheta, a literatura [de Patience Worth] teria produzido uma repercussão muito maior do que teve.

Se isso é verdade, [os textos dela] assumirão, algum dia, o lugar que de direito lhes pertence.

Mas a coisa não é tão simples como poderia parecer. Depois de muito questionar o conteúdo desses textos, a filosofia da autora e a própria

Patience Worth, pessoalmente, o doutor Prince deixa entreaberta a porta para uma futura retomada do assunto em nível mais elevado de entendimento e compreensão. Mas o depoimento que toda essa gente deixou é desoladoramente negativo, senão quanto à qualidade literária dos escritos, pelo menos quanto à realidade espiritual implícita e explicitamente neles contida.

Decorridos tantos anos - cerca de 90, enquanto escreva isto na início de 2003 - a literatura de excepcional qualidade produzida por Patience Worth continua estigmatizada e prisioneira de um rígido esquema de deliberada e olímpica arrogância cultural da parte de quem não quis e não quer sujar de lama a barra da saia, segundo a pitoresca imagem de Litvag.

Com todo respeito pelo seu excelente trabalho e competência, o próprio Litvag se coloca na lista dos que continuam tratando o assunto com luvas cirúrgicas.

Parece-me óbvio que a sombra ocultista projetada sobre o caso levou a maioria dos críticos, uma vez esmorecido o aspecto da novidade, a levantar os respectivos narizes e dizerem: "Não tenho nada a ver com isso". (p. 234)

William M. Reedy, respeitadíssimo intelectual e crítico literário, encantou-se com a personalidade e os escritos de Patience Worth. Davam-se, aliás, muito bem, a entidade invisível e o gordo, competente e respeitado crítico literário. Ela inventou logo um carinhoso apelido para ele, chamando-o de Fatwide, algo assim como o gordo e largo. Reedy era tão brilhante e culto quanto desleixado, mal vestido e irreverente. Adorava manter longos colóquios com Patience e, embora jamais tenha admitido a realidade da existência e sobrevivência do espírito, reconhecia naqueles escritos a marca inequívoca do gênio literário e tratava Patience como se fosse realmente uma pessoa. Foi em alusão a um dos numerosos artigos de Reedy sobre o caso que o professor Hyslop, que também não via a presença de nenhum espírito no fenômeno, escreveu certa vez (apud Litvag, p. 128): "se a matéria houvesse sido examinada logo de início pelos cientistas, a publicação de um livro daqueles não teria ficado exposta a críticas".

Em outras (e minhas) palavras: o livro é excelente desde que se ignore a incômoda hipótese de que teria sido escrita por um ser oficialmente morto

e acabado...

Confrontem-se pronunciamentos como esses com o do próprio Litvag, nos parágrafos finais de seu livro.

Ele se queixa, como vimos alhures, dos espíritos - "se é que existem" - que deveriam apresentar-se de modo convincente perante os pobres mortais em dúvida. Como seria tal procedimento? Pelo menos para mim, não ficou claro que entenderia o autor por "evidência conclusiva, totalmente irrecusável de que os espíritos dos mortos existem e se comunicam conosco".

Pois não é isso mesmo que os espíritos vêm fazendo há milênios? Quantos deles partem daqui da dimensão material, cheios de dúvidas ou de certezas negativas e tentam convencer os colegas céticos de plantão, do lado de cá, que estavam em erro? E quantos decidem reencarnar-se reprogramados para, dessa vez, sim, confirmar a realidade espiritual e, no entanto, recaem na descrença e se enchem de escrúpulos e de temores ante a realidade espiritual?

Pergunta-se Litvag, à página 297:

O que penso eu? Como já disse, não tenho resposta a oferecer. Deixo o caso participando da opinião de Walter Franklin Prince, Otto Heller e a maioria dos que têm examinado detidamente o caso ao longo dos anos, com um senso de permanente frustração. Como disse no início de minha investigação, ainda me inclino ligeiramente na direção da teoria de que Patience tenha sido produto do inconsciente da senhora Curran; no entanto, estou pronto a admitir que essa inclinação decorre mais de meu próprio temperamento e de meu sistema de valores do que de qualquer evidência de peso que a sustente.

Em suma: Litvag também é dos que nos asseguram que "nada têm a ver com isso", senão na medida de seu temperamento e de seus valores, tudo com as devidas ressalvas para proteger o precioso status pessoal de cada um. Mas, afinal de contas, qual o conteúdo real da cautelosa declaração de Litvag? O que ele está disposto a admitir é que tem uma ligeira inclinação preferencial pela teoria de que Patience Worth não foi mais do que uma projeção inconsciente de Pearl Curran...

É desanimador.

Parte significativa da obra da genial autora espiritual ficou inédita.

Quanto à História triste, indiscutível obra-prima, acabou, em grande parte da primeira edição, como encalhe, recolhida à poeira anônima dos depósitos, em razão talvez das dificuldades encontradas por leitores em decifrar a linguagem arcaica do texto.

A versão da qual me servi na suada tarefa da tradução ainda é a primeira, de 1917! A opinião dominante, portanto, é a de que, se a obra de Patience Worth não estivesse marcada por essa lamentável "mixórdia ocultista" de mediunidade, prancheta, inteligências inexplicáveis que se dizem espíritos sobreviventes, então, sim, teria sido considerada um trabalho literário da melhor qualidade e do mais elevado nível cultural, histórico e até científico.

VII

O processo mediúnico

Aliás, está na hora de perguntar-se como funcionava o sistema de comunicação Patience Worth / Pearl Curran, ou - se você prefere ficar no confortável lado daqueles que se inclinam em favor de uma teoria mais prudente - como é que o 'inconsciente' de Pearl Curran operava na produção dos textos.

Começemos com os depoimentos de Casper Yost, que durante anos acompanhou religiosamente o trabalho.

Lê-se em Litvag (p. 174) que, segundo Yost, "o grupo que recebia as comunicações não era composto de espiritualistas, mas de diletantes que se criam imunes às crenças convencionais sobre o espírito dos que se foram"; sujeitavam-se, contudo, "ao mesmo tipo de hipnose grupal que controla os espiritualistas habituais".

Mesmo Yost, portanto, que aceitava a presença real de Patience Worth como entidade autônoma e sobrevivente, entendia que o grupo ficava hipnotizado, "como qualquer outro".

Há, no entanto, uma diferença a considerar-se: o grupo que se reunia na residência da senhora Curran era composto de 'intelectuais' dotados de "clara noção e, talvez, de uma correta concepção acerca do período histórico no qual Patience declara ter vivido".

Percebe-se facilmente que Yost também está querendo pular a poça de lama sem sujar a barra da saia. Não se trata, ali, de um mero grupo espírita composto de gente de escassa instrução que se submete facilmente a processos hipnóticos, mas de 'amadores' cultos, lúcidos e bem informados.

O que se pode esperar de uma abordagem como essa ao caso? E preciso reiterar, ainda, que quem fala aí é um admirador incondicional dos textos mediúnicos e até mesmo da própria entidade manifestante.

O problema, como Litvag lembra pouco adiante, é que, mesmo quando não havia qualquer intelectual presente - críticos, cientistas, escritores, professores, historiadores - os textos eram da mesma qualidade e a

história prosseguia a partir do ponto em que fora interrompida da vez anterior, fosse qual fosse a extensão de tempo decorrida nesse intervalo.

De qualquer modo, não há qualquer evidência de que o grupo estivesse hipnotizado; pelo contrário, tanto os demais participantes como a própria Pearl Curran conversavam sobre diferentes assuntos com plena consciência do que faziam, enquanto a prancheta continuava incansavelmente a 'escrever', apontando letra por letra. E mais: se é que havia pessoas hipnotizadas, quem as teria hipnotizado?

Em diferentes oportunidades, a médium falou ou escreveu sobre seu trabalho. Em artigo de sua autoria publicado no Chicago Evening News (Litvag, p. 175), Curran explicou que a prancheta não era mais do que um "pedaço de madeira sem vida", que funcionava apenas como recurso para "dispersar o pensamento", a fim de que ela pudesse, por um momento, como que fazer calar a tagarelice verbal do consciente. Ou seja, uma espécie de esvaziamento da mente, de modo a deixá-la à disposição da entidade comunicante.

Mesmo aceitando-se como válidas todas essas objeções, restaria ainda o complexo problema da linguagem e o conhecimento que a autora espiritual revelava, não apenas dos tempos e costumes do Cristo, mas da Idade Média, da Inglaterra elisabetana e vitoriana. Transferir a 'explicação' do fenômeno para o inconsciente da médium em nada lhe altera o conteúdo e nem sua mecânica. Se os textos eram de autoria de Curran, então como se explicariam?

Acresce que Patience Worth era uma personalidade muito bem marcada, afirmativa e franca. Litvag recorre mais de uma vez ao seu temperamento cáustico, mordaz, impulsivo e até declaradamente rude quando assim ela o entendia.

A entidade manifestante rejeitava enfaticamente qualquer interferência da médium naquilo que ela estivesse escrevendo. Era, pois, um ser independente, qualquer que seja a abordagem à problemática suscitada pelo fenômeno.

"O que você quer dizer, senhorita - disparou para a médium certa vez -, com essa história de pretender fazer teus pãezinhos contra a vontade de tua senhora?"

Em outra oportunidade, na qual Pearl Curran escreveu um texto por sua

própria conta e o publicou, Patience, consultada a respeito, não deixou por menos: "E só provar, que você saberá" (se é meu ou não) - disse ela. E prosseguiu, declarando que o texto era infantil, mas que havia "entre minhas palavras algo que ela não poderia negar e, nas palavras dela, algo que eu não posso negar. Há duas correntes fluindo da mesma fonte."

Com o tempo, a senhora Curran entendeu - e assim declarou - que a prancheta tinha a função meramente ocidental, mas que "as palavras de Patience Worth vinham da cabeça dela (Pearl) e não da prancheta".

Na verdade, a prancheta - que, no dizer de Patience, "cansava a boba [Pearl] com seus movimentos", acabou sendo dispensada de todo a partir de 12 de fevereiro de 1920. "Pearl - escreve Litvag (p. 213) - via as imagens e sentia as palavras em sua própria cabeça e ditava as letras, como se viessem das mãos de Patience Worth."

A explicação não fica nada clara para mim, mas temos de reconhecer que está sendo formulada por quem dispõem de pouca ou nenhuma experiência ou conhecimento do problema.

Em depoimento posterior, em artigo intitulado "A nut for Psychologists", (21) Curran expressa algumas de suas queixas.

(21) - A palavra nut tem várias conotações. No sentido, diríamos, 'vestibular', inicial, nut é uma noz ou outra semente envolvida numa casca dura, como a de noz ou avelã. Na gíria, nut é a cabeça, como coco em português, mas também pode aplicar-se a uma pessoa muito entusiasmada ou fanática por alguma coisa, ou muito preocupada, ou zelosa. Ou, ainda, meio doida, tola, excêntrica, insana, psicótica, de trato difícil. (A hard nut to crack - "Uma noz difícil de quebrar-se." Ou melhor: "Um osso duro de roer"). Esta última é a tradução que melhor se adapta entendimento do título do artigo de Pearl Curran, que seria mais ou menos assim: "Um osso duro de roer para os psicólogos: Realmente, o, estudiosos da mente e do comportamento humano muito incomodaram a médium com suas perguntas, suas dúvidas, suas certezas e suas teorias prediletas, mas nenhum deles conseguiu decifrar o que lhe, parecia um enigma. Mesmo porque não havia a qualquer enigma a verificar Patience Worth era uma entidade sobrevivente que ditava seus textos a uma, senhora dotada de mediunidade.

Só porque alguém produz um fenômeno sobrenatural (22) deve ser imediatamente classificado como uma monstruosidade, e mental e fisicamente levado para uma mesa de dissecação? Será que não há um procedimento mais delicado por meio do qual possamos [...] chegar a uma conclusão a respeito dele ou dela? (apud Litvag, p. 217.)

(22) – *Como tenho repetido até a exaustão, não há fenômenos sobrenaturais, ou seja, acima e a margem das leis naturais; há fenômenos inexplicados regidos por leis ainda desconhecidos.*

Queixa-se, mais adiante, ainda segundo Litvag:

[...] o sensitivo fica logo sob suspeita e suas palavras valem menos do que o conteúdo de seu trabalho, enquanto a ciência procura refutar o caso antes mesmo de examiná-lo.

Em pronunciamento desse tipo (Litvag, p. 223), publicado na *The Unpartizan Review*, de Henry Holt, uma escritora de nome Mary Austin foi contundente: o caso Patience Worth nada continha de extraordinário, e o processo através do qual os textos surgiram não constituía novidade alguma. Poetas, filósofos ou profetas sempre souberam que o material provinha de si mesmos e não de qualquer fonte externa. O que, aliás, é verdadeiro em muitos casos, mas não deve ser generalizado. O procedimento a que se refere Austin se caracteriza como anímico (da alma) e não exclui - pelo contrário, complementa - o exercício da faculdade mediúnica, quando ocorre a interferência de uma entidade desencarnada, ou, se você preferir, de um 'morto'. O certo é que o espírito encarnado também pode manifestar-se - e o faz com freqüência - utilizando-se do recurso que a terminologia inglesa identifica como escrito automática. Ou então o doutor Freud e o doutor Jung estariam totalmente equivocados ao botar o inteligente conceito de inconsciente no contexto das ciências da mente.

Continua a senhora Austin:

Por outro lado, tem sido uma característica de todos os tempos e culturas que essas mensagens espontâneas, sem premeditação e com freqüência até intrusas, ao chegar às portas da consciência, apresentam-se como se fossem seres humanos.

Quanto aos "flashes mentais de uma brilhante luz radiante", mencionados por Pearl Curran, isso também era muito comum, no seu entender. Em conversa com um neurologista, a respeito da visão de Paulo às portas de Damasco, ouviu do especialista a 'explicação' de que "o efeito luminoso poderia ser, de fato, o registro nos centros cerebrais de uma excessiva descarga de fósforo concomitante com um estado de aguda cerebração".

Se você entendeu, rogo que me explique...

Tudo muito natural, portanto; nada de espíritos. Numa "sessão espiritualista a que assistiu (não deve ter freqüentado muitas delas)" Austin atribuiu os fenômenos observados (não revela quais foram) a "coincidências e à percepção de dicas e sinais emitidos inconscientemente pelos circunstantes".

Será que tais circunstantes é que passavam (consciente ou inconscientemente) as dicas necessárias para a senhora Curran escrever seus textos em inglês arcaico? Se assim fosse, então as faculdades da médium e as dos demais presentes eram muito mais espantosas e inexplicáveis do que se supunha. E de onde vinha toda a multidão de dicas necessárias à produção de um complexo e erudito texto sobre a história, a geografia, a religião, a sociologia e os costumes vigentes na Palestina ao tempo do Cristo?

Austin concluía o artigo dizendo que era de se desejar, e até de arriscar-se a profetizar, que:

[...] o talento [da senhora Curran] se tornasse suficientemente robusto para que ela pudesse livrar-se da obsessão de Patience Worth, a fim de dar continuidade por sua própria conta ao trabalho de proporcionar genuínas contribuições à elucidação do inconsciente. (Itálicos meus.)

VIII

Uma releitura da obra de Patience

Como temos visto no correr deste ensaio, a obra de Patience foi exaustivamente estudada por uma pequena multidão de intelectuais das mais variadas categorias: escritores, críticos, jornalistas, cientistas, psicólogos, psiquiatras, religiosos, professores universitários. Um percentual pouco significativo de toda essa gente mostrava-se inclinada a admitir, quem sabe?, talvez!, será?, que os textos poderiam provir de uma fonte desconhecida que não a própria senhora Curran. Entre essa minoria inexpressiva, talvez fosse possível identificar um ou outro que tivesse vaga noção do que realmente estava acontecendo, embora sem qualquer desejo de ‘arriscar-se’ a dizê-lo.

Em outras palavras: não encontro, nos numerosos depoimentos consultados, indício de um mínimo de familiaridade e aceitação da realidade que o fenômeno mediúnico demonstra, das implicações nele contidas e das estruturas teóricas dele decorrentes.

Isso, porém, não acontece com Patience Worth. Ela sabe o que faz, revela conhecimentos precisos não apenas dos mecanismos da mediunidade, como tem convicções bem marcadas acerca da realidade espiritual no âmbito da qual ela opera, tanto quanto de aspectos menos conhecidos das complexidades da mente humana.

E ela quem decide de que modo escrever - inglês arcaico ou mais atual - que fenômenos e reflexões incorporar ao seu relato, que filosofia religiosa está por trás daquilo tudo, o que se passa com os vários médiuns que introduzem sua história, como Téia, Hatte e, ocasionalmente, outros - Neida, o velho e querido Neidab, Ahmud Hassan, Panda.

Nas suas numerosas e constantes manifestações mediúnicas, sua personagem Téia entra em transe, tem visões proféticas, desdobra-se, em espírito, do corpo físico, deslocando-se no espaço (23) e no tempo, como também vimos.

(23) – *Há quem caracterize o fenômeno de desdobramento como projeção astral, viagem astral ou simplesmente projeção, como o doutor Waldo Vieira em seus*

estudos sobre projecologia. O professor Rivail (Allan Kardec) emprega habitualmente a palavra bicorporiedade. Tenho encontrado em inglês a expressão “travelling clairvoyance” ao pé da letra, “clarividência itinerante”

Patience identifica no psiquismo do ser humano um componente transcendental - o in-man - que pode ser entendido como eu superior, inconsciente, individualidade (em contraste com personalidade), espírito (em contraste com alma) ou, ainda, o homem superior, presente por toda parte, no texto do antiqüíssimo Livro das mutações - o I Ching.

Veamos alguns exemplos disso nos escritos e nos diálogos de Patience Worth, alguns destes com seu descrente amigo, o crítico literário e jornalista William Marion Reedy, para o qual ela inventou o carinhoso apelido de Fatwide.

"Como é que o ser humano pode conhecer Deus?", perguntou ele, certa vez.

Depois da expressão - para mim, intraduzível - Alawk!, ela explica:

Teu coração está repleto dele, meu irmão. Pois é, e você sabe disso. Diga, então que tudo está bem, pois, tão certo quanto o sol se levantará amanhã, teu pó será soprado para novas regiões e novos dias... (24) Você construiu uma muralha de palavras em volta de seu coração; no entanto, veem-se buracos através delas.

(24) – A despeito da aparente rejeição de parte de Patience pela reencarnação, leio sutileza de suas palavras a Reedy, nesse ponto, precisamente uma alusão às novas vidas que estão lá no futuro a nossa espera, mesmo porque a autora espiritual costuma empregar o termo days como sinônimos de vida. De qualquer modo, Patience se mostra atenta ao problema de que a cultura meramente intelectual pode bloquear ou até excluir a possibilidade de uma visão mais ampla e genuína da vida.

No eu de seu eu, os olhos da carne estão fechados. É isso, até que sua carne [corpo físico] tenha desaparecido. Então, eles se abrirão e você verá o sentido do que ora lhe digo. Há muito na terra que não se vê. Você deveria abrir os olhos do seu eu interior (in-man).

A autora está revelando, portanto, ao seu amigo cético o segredo mais aberto do mundo, ou seja, o de que o pesado véu da carne não nos deixa ver com clareza a realidade espiritual que nos cerca por todos os lados, e da qual participamos inevitavelmente, quer creiamos ou não nela. Diz mais: que a cultura livresca dificilmente deixará de nos ‘cegar’ para os aspectos transcendentais da vida, a não ser que a gente se empenhe em

acessar o vasto arquivo acumulado no correr de incontáveis existências no passado localizado no site mnemônico que ela identifica como in-man. Informa, ainda, ao seu gordo e querido amigo, que, uma vez descartado o corpo físico no processo da morte, o espírito acordará e abrirá os olhos para realidades de que nem suspeitava enquanto acoplado ao corpo material. O que, aliás, Paulo dissera há dois mil anos, nas suas epístolas.

Reedy pergunta, a seguir:

"De quem é a culpa se alguém não vê porque se desviou da trilha?"

"De teu eu interior", diz ela sem rodeios e sem comentários adicionais.

Em outra oportunidade, Reedy desejou saber o que acontece com o corpo ressuscitado.

"Sim, os que lidam com os textos falam disso. Esse corpo não é de carne. Não, e sim a plenitude do teu eu superior. (25)

(25) – Desta vez, ela usa uma variação. Em vez de in-man, ela menciona o "homem do homem" (the man of man). Veremos mais adiante outras maneiras de explicar as varias facetas dessa realidade interior do ser humano.

E acrescenta um comentário, no melhor de seu estilo "elíptico", como diz Litvag: "O grande homem do homem do homem d'Ele que preenche todo o Aqui."

Tanto quanto posso decifrar o difícilíssimo texto, ela quer dizer que o 'eu' interior de Deus se multiplica por tantos que preenche todo o espaço cósmico.

Num de seus debates - meio azedos, aliás - com o doutor Prince, o cientista toca a mão da médium e pergunta:

"Você está sentindo meu toque em sua mão?"

"Não - responde ela - você está tocando apenas a carne, e eu sou como a fumaça que escapa de sob tua própria mão."

O doutor desejou saber, em seguida, como é que ela via e ouvia. Ela respondeu que não apenas isto, mas fazia "isso e aquilo". Prince insistiu numa resposta mais específica, concreta, objetiva, e lhe perguntou se experimentava uma sensação real.

Resposta:

"Veja, senhor, não há em você senão os olhos da carne. Mas dentro de seu eu interior há um olho, e é com esse que eu vejo."

Ou seja, a sede da visão é interior, localizada no in-man; os olhos

físicos são apenas uma projeção daquela, uma aparelhagem temporária, enquanto o ser está encarnado; uma vez descartado o corpo físico, a visão interior permanece intacta e continua a funcionar sem qualquer problema. Isto quer dizer que aquele que for cego 'físico', enquanto 'vivo' na carne, recupera sua visão na dimensão espiritual. E aquele que for cego 'espiritual', também a recupera, como Patience garantiu a Reedy.

Em outra oportunidade, em artigo publicado na revista *Atlantic Monthly*, uma escritora de nome Agnes Replier manifestou sua indignação ante a "intromissão dos espíritos no congestionado espaço) até então reservado aos vivos para competir com eles.

Mais adiante, citou a resposta de Patience a um de seus interlocutores, que lhe perguntara como foi que a entidade descobrira o mecanismo da escrita mediúmica. A autora espiritual explicou que, uma vez posta em sossego a mente da sensitiva:

Não vejo fendas onde colocar o texto; compete ao eu dela (the her o' her) alhear seu próprio eu (the her o' her) do texto; é ao meu eu (the me o' me) que compete procurar e encontrar (a maneira de fazê-lo?). E o que acontece.

Na minha 'tradução', devo dizer que a entidade comunicante aguardava um estado de passividade da parte da médium, a fim de poder passar-lhe o texto que pretendia escrever.

Numa sessão realizada em 1933, certo doutor Belmont perguntou a Patience "o que acontecia com a mente objetiva que deixava para trás ao morrer".

Ela respondeu sem rodeios:

Sua objetividade é vestimenta da realidade física, mas teu eu interior (in-man) pouco se importa com a libertação pela morte. Libertar-se é estar desperto. Você não se demora na vigília, senhor. Não, você desperta e se torna eloqüente do lado de cá. Suas dúvidas são esclarecidas, pois a dúvida é um artifício da carne e com ela desaparece.

"Mas qual é a experiência imediata após a morte?", insistiu o doutor Belmont.

Certo cansaço nas asas, um bocejo, um piscar o despertar", poetou ela na resposta.

Em março, de 1937, Patience escreveu um dos seus últimos textos sobre

a imortalidade. E um tanto longo demais para transplantá-lo para aqui, mas ela volta a mencionar as ilusões da matéria e o abismo que há entre o ser encarnado e o espírito liberto. "A alma é o homem - conclui - mas o ser é eterno."

Os Instrutores do professor Rivail fizeram também essa distinção, ainda que com outras palavras, ao ensinar que a alma é espírito encarnado, sujeito, portanto, às limitações e condicionamentos da matéria; o espírito, não, pois conserva toda a bagagem de experiência e conhecimento adquirida ao longo de numerosas existências.

Em meu livro *Alquimia da mente*, trabalhei no aprofundamento dessas dicotomias:

Alma-espírito,
 personalidade-individualidade,
 consciente-inconsciente,
 transitoriedade-permanência,
 estar-ser,
 comunicação verbal (no hemisfério esquerdo)
 versos comunicação não-verbal, simbólica, (no hemisfério direito).

Mas não foi apenas nos seus diálogos e debates com visitantes que Patience mencionou o eu interior; há numerosas referências a esse 'espaço' ou dimensão além da consciência de vigília em diferentes cenas e ditos contidos em *The sorry tale*.

No capítulo 5 da parte "Panda", Téia, Panda e Simeão contemplam, a alguma distância do pátio dos gentios, a cena em que Maria, mãe de Jesus, leva o menino ao templo para os rituais da apresentação prescritos pela lei judaica. Admiram-se os sacerdotes de que, sendo ela da casa de Davi, porte-se de maneira tão despojada, sem qualquer sombra de orgulho. Os observadores comentam entre si a notícia de que aquele menino, sendo, como se dizia, o Prometido, "sacudiria o trono de Herodes". Téia lembra, então, que três videntes (seemen) (26) vieram de terras distantes para ver a criança. Segundo Téia, Jeová produzira sinais que aqueles homens conheciam até mesmo antes que os portentos ocorressem. E explica a Simeão que Deus fala ao eu interior (in-man) naqueles que dispõem da faculdade da clarividência. O mundo, continua ela, tem poucos videntes; os demais também dispõem de tais recursos,

mas o eu interior deles é cego para essas realidades. Deus expedira os sinais e logo os apagou, mas os dotados "vêm com os olhos do eu interior e identificam os sinais mesmo depois que Deus os tenha apagado".

(26) - *Falaremos deles mais adiante.*

No mesmo tom, Téia acrescenta que se trata de um Deus cósmico, único, de todos, e não apenas dos judeus, e invoca em testemunho disso o que disseram os profetas de antanho que elaboraram as escrituras recorrendo às faculdades de seus respectivos eus interiores. Ao mesmo tempo, ela se revela um tanto cética de que a mensagem que aquele menino estava trazendo ao mundo fosse recebida como devia e precisava, porque "o homem interior do mundo" estava cego.

A conversa prossegue nesse tom. Simeão faz um apelo a Téia para que ela se livrasse do sentimento de ódio que trazia no coração, por conta do qual vivia nas trevas. Ele próprio, Simeão, se oferecia a ela como um todo, o que incluía seu próprio eu superior. E menciona o exemplo de Panda, que "subjuga o homem que é, a fim de viver o homem-interior; do contrário - conclui - o ódio o consumiria".

Téia reconhece tal virtude em Panda, lhas acha que ele ainda teria muito que crescer espiritualmente nessa direção, e completa seu pensamento, dizendo a Panda: "com a passagem dos anos", ele, Panda, seria cada vez mais o eu interior. E a aconselha a prestar atenção ao canto que vem de dentro dele.

Bem mais adiante, no capítulo 16, Hatte, Panda, Maria e Neida conversam em casa do Neidab, o tapeceiro. Estão presentes, ainda, Caleb, totalmente surdo, e Aarão, um simpático débil mental.

A certa altura, Hatte pede a Maria que se sente junto de Caleb e tome nas suas as mãos de Aarão, que se mostra muito cansado. E acrescenta, dizendo que ele, Hatte, "sente uma chama que estará sempre a arder no seu eu interior".

E impressionante o conhecimento que a autora espiritual revela de tais sutilezas espirituais, ao referir-se a conceitos que muitos e muito mais tarde seriam postos em discussão sob forma de outras tantas dicotomias, como consciente e inconsciente, alma e espírito, personalidade e individualidade, ego e id. Cabe acrescentar que tais discussões podem ter

aberto ou alargado picadas nas complexidades do psiquismo dos seres humanos, mas nem sempre, ou raramente, com a clareza, a profundidade e a lucidez com as quais Patience Worth os colocou, ao distinguir as duas faces do psiquismo, ao mesmo tempo em que destaca o relevo do eu superior no processo evolutivo de todos nós.

IX

Os magos

Conversávamos há pouco sobre os magos que teriam vindo de "distantes terras" para conhecer o bebê de Maria.

Lê-se no texto escrito para o vídeo *The Son of God* (BBC;, 2001) que, no original de Mateus, nada existe sobre a presença de reis junto ao berço de Jesus e nem que seriam três, e sim que os visitantes era magos, vindos, ao que se supõe, da Babilônia (atual Iraque) ou da Pérsia (atual Irã).

A conjunção planetária a partir da qual elaborou-se a história da Estrela de Belém (27) teria, portanto, não uma conotação astronômica, mas astrológica, a qual indicaria o nascimento de um "super-rei", no dizer da BBC.

(27) – Ver mais adiante detalhes sobre esse evento em particular.

Mas - pergunta-se - haveria quem se interessasse por astrologia na comunidade judaica da época? Acreditava-se que não, até que dois horóscopos foram encontrados entre a documentação reunida sobre o título de Os do Mar Morto.

Curiosamente, o estudo promovido pelos especialistas movimentados pela BBC confirma a postura de patience Worth, segundo a qual os visitantes de Jesus infante eram videntes (seers), ou seja, seres capazes de interpretar sinais muito antes de ocorrerem os eventos previstos. Aliás, previsto é um bom termo, de vez que informa precisamente que algo que ainda estava no futuro foi 'visto' com grande antecipação. Isso porque, no dizer da autora espiritual, Deus fala diretamente ao "homem interior" do vidente.

Quanto ao corpo celeste que teria sido visto sobre Belém na noite do nascimento de Jesus, tem sido tradicionalmente representado pelos artistas plásticos, há séculos, por uma estrela provida de uma cauda luminosa, o que o caracterizaria como um cometa. Acredita-se mesmo que a estrela movia-se pelo céu a fim de mostrar aos "três reis magos" o caminho que levava ao local exato onde estava o bebê, posto na manjedoura. Nos quadros, esculturas e presépios pelo mundo afora, é costume ver-se a

estrela pousada sobre a cabana ou palhoça na qual a criança teria nascido.

O observador apressado ou cético descarta tudo isso como simples exercício de fantasia, iluminada pela poesia, mas, ainda assim, mera ficção bem intencionada. Alguns autores mais recentes ‘atualizaram’ o episódio, dizendo tratar-se de uma nave interplanetária pilotada, ou seja, um disco voador.

A rigor, portanto, o fenômeno, se é que de fato existiu, não deveria merecer a atenção de pesquisadores e estudiosos qualificados. Ou será que deve. Ao que tudo indica, esta pergunta não é de todo absurda, a julgar-se pelos mais recentes achados em torno da assunto.

Realmente, o episódio mereceu a atenção devida da equipe de respeitáveis e eruditos especialistas convidados para acompanhar a elaboração do excelente vídeo *The Son of God* (O Filho de Deus), produzido por Michael Wakelin para a BBC em 2001, sob os auspícios da The Jerusalém Trust.

Recorro, neste ponto, ao texto de Nancy Duin (p. 7 da folheto que acompanha o vídeo), em busca de uma avaliação moderna do que realmente teria ocorrido em Belém naquela noite, que poderia ter sido a passagem de um cometa até a explosão de uma supernova nos estertores de sua agonia, ao cabo de bilhões e bilhões de séculos ou milênios, sei lá...

Mas um fenômeno desse porte e dramaticidade, argumenta Duin, teria sido óbvio demais para qualquer pessoa que contemplasse o céu naquele momento. Segundo, porém, o relato de Mateus, nem mesmo Herodes se dera conta de qualquer coisa extraordinária.

Como reiteramos há pouco, os estudiosos costumam optar por uma hipótese mais lógica, ainda que não menos - como direi? - extravagante, na opinião de muitos. Em suma: a ocorrência teria uma leitura astrológica e não meramente astronômica.

Na verdade, nada se encontrou astrológicamente significativo que possa ter ocorrido no ano 1 de nossa era, quando supostamente teria nascido Jesus. Como hoje se sabe, contudo, ao calcular o calendário cristão no século 6, um monge-matemático com o expressivo nome de Dionysius Exiguus ("O Baixinho") errou nas contas. Descobriu-se, posteriormente, que Jesus realmente nasceu entre o ano 7 e o ano 4, paradoxalmente,

"antes de Cristo".

Um astrônomo mais curioso, por nome Michael Molnar, ao pesquisar aquele remoto período, descobriu que, em 17 de abril do ano 4, antes de Cristo:

"Júpiter (o rei dos planetas) - escreve Duin - encontrava-se em Áries (que simbolizava o reinado de Herodes). Não apenas isso - prossegue a autora - mas a lua passava diante de Júpiter, que também surgia no horizonte como estrela matutina."

Para as mentes voltadas para a astrologia naquele tempo - conclui o texto -isso indicava o nascimento de um "super-rei".

De acordo com esses achados, Jesus teria nascido em 17 de abril do ano 4 a.C. E se sua vida pública como pregador durou, de fato, 33 anos, teria sido crucificado aos 37 anos de idade, e não aos 33.

Aliás, há muito tempo vinha sendo posta em dúvida a data 'oficial' do nascimento de Jesus.

De qualquer modo, a pesquisa moderna confirma a observação de Patience Wort, segundo a qual os supostos três reis magos" eram versados em astrologia, dotados de faculdades extrassensoriais - videntes, diz ela - e vieram de muito longe a Belém, para conhecer pessoalmente o extraordinário ser humano que nascera sob tão espantosa conjunção planetária.

Este não é o momento apropriado, porém, para se tratar mais extensamente do debate em torno da dúvida histórica de que o nascimento de Jesus pode não ter sido em Belém. Leitores e leitoras porventura interessados poderão consultar ampla literatura a respeito. Algumas reflexões sumárias sobre o assunto constam de meu livro Cristianismo, a mensagem esquecida.

X

A Linguagem

Temos mencionado reiteradamente a dificuldade de se navegar pelo texto de Patience Worth. Creio necessário aprofundar mais a análise desse aspecto, a fim de melhor caracterizar em que consistem as peculiaridades estilísticas e gramaticais da autora. Somente no livro de Litvag, anotei dezenas de referências nesse sentido, não apenas dele próprio, mas também citações por ele colhidas em numerosos estudos críticos consultados.

Partindo de reticentes informações da autora espiritual, Yost informa (apud Litvag, p. 55) que ela teria nascido na Inglaterra e emigrado para os Estados Unidos, ao que parece em contexto puritano ou quaker. A seu ver, a linguagem da autora está povoada de termos obsoletos e arcaicos, mas raramente algum que "a presente geração" (década de 20 do século 20) não entenda.

E mais:

Todos os objetos aos quais ela se refere são coisas que realmente existiram no seu tempo. Em todos os seus originais não há uma só palavra – tanto quanto eu e outros termos observado – que não estivesse em uso no século 17.

A meu ver, as coisas não se mostram tão simples como Yost faz crer. Termos obsoletos, você ainda pode encontrarem bons dicionários e ficar sabendo o que significam, mas a construção das frases e as expressões que a autora espiritual emprega são, com frequência desalentadora, de muito difícil penetração ao entendimento. Yost esforça-se por minimizar a dificuldade ao referir-se a "algumas linhas (...) obscuras", mas na verdade não são algumas, mas grande quantidade delas. Diz ele que o estudo atencioso desses trechos "revela-lhes o sentido". E acrescenta: "quanto mais (os) estudamos, mais impressionados ficamos com a extraordinária capacidade intelectual por trás deles".

Isso é inegável. Não faltam elogios ao talento e até à genialidade de Patience Worth, fosse ela um fantasma, o inconsciente de Pearl Curran ou

o subconsciente dos circunstantes.

"Seus notáveis poemas, ainda que não dos maiores - escreve o respeitado crítico literário Marion Reedy (apud Litvag, p. 62) -, são inocentes de latinismos. As palavras são, todas elas, anglo-saxônicas e, portanto, curtas. (28)

(28) - *E necessário lembrar que a língua inglesa ainda não estava, por aquela época, 'contaminada' pelos latinismos, ou seja, palavras de origem latina, exceto os galicismos adotados durante o período dos plantagenetas. Ainda hoje, as maiores dificuldades que leitores comuns encontram nos testes de vocabulário em publicações inglesas e americanas residem em termos de origem latina, em contraste com os mais conhecidos de boas raízes anglo-saxônicas.*

Acrescenta que os arcaísmos são usados adequadamente, mas "a linguagem - queixa-se Reedy - por certo não flui naturalmente, no meu entender".

Mais adiante, ainda em Litvag (p. 74), lemos Reedy caracterizar alguns versos de *Patience* como dotados de "qualidade bíblica". (29) E acrescenta: o texto a que se refere, realmente faz lembrar a linguagem usada no século 17, porém, "com freqüência, ainda mais simples e sem quaisquer derivados franceses ou latinos".

(29) - *Sabe-se da excelente qualidade lingüística da muito elogiada tradução da Bíblia encomendada pelo rei James VI, filho de Mary Stuart e sucessor de Elizabeth I.*

Os escritos de *Patience Worth*, contudo, não estavam 'inocentes' apenas dessas duas línguas, mas também de influências normandas, italianas, espanholas, dinamarquesas e de outras, como se lê mais adiante. E sem gírias ou concessões aos modernismos.

Não há nesses textos - assegura-nos W. W. Skeat (apud Litvag) "nenhuma Invasão ocasional de termos usados na conversação contemporânea", ou seja, a do início do século 20.

As vezes Reedy se derrama em elogios à beleza do inglês de *Patience Worth*, como na longa citação que se lê à página 83. Diz o competente crítico que os textos dela "são diferentes de tudo o que eu conheça em literatura" e que "ela se expressa num inglês quase que imaculado. Nenhuma relação com Chaucer ou Spencer. Ela é ela e apenas ela mesma."

E a construção, mais ainda que seu vocabulário escreve Yost (apud

Litvag, p. 90)1 -, que se revela peculiar e individual. Ela não tem o menor respeito pelos diferentes componentes da fala, e pouco respeito pelas mais sagradas regras de sintaxe.

Destaquei a avaliação de Yost porque guardo comigo certa simpatia pelos escritores mais rebeldes, pois - aí vai uma heresia - acho que eles ajudam a construir, reformular e modernizar as línguas nas quais se expressam. Essa 'reconstrução' das línguas, no meu ignoro modo de entender, ocorre primeiramente no falar diário habitualmente despreocupado da observação rigorosa de regras gramaticais. Se assim não fosse, não teríamos, por exemplo, as diferentes línguas derivadas do latim, ou seja, português, francês, espanhol, italiano, romeno, occitano, catalão; em suma, o grupo das línguas românicas ou neolatinas.

Estou, pois, com Patience Worth e, nesse aspecto, me senti perfeitamente à vontade ao misturar, na minha tradução, tratamentos pessoais. Se digo "Me parece..." por que escrever "Parece-me..."? Se cobro de alguém: "Eu não te disse que isso não daria certo? Você se lembra.?", me sentiria um tanto artificial botando nós conformes das regras. Não que se deva ignorar as normas gramaticais, mas uma pitada de rebeldia inovadora aproxima os textos da linguagem do dia-a-dia, usualmente despida das formalidades e preciosismos da erudição estilística e elitista. Afinal de contas, em textos dirigidos a um público leitor maior, não vejo razão para uma linguagem acadêmica, enquadrada com precisão milimétrica nos comandos ditados pelas numerosas regras que compõem as estruturas gramaticais vigentes.

Não foi o povão - ou seja, nós mesmos - que acabou com o uso do vós? Meu pai ainda usava esse pronome nos seus escritos formais, não, porém, no diálogo ao vivo. Hoje, nem a Deus tratamos de vós. O mais comum é o tu, mas, nos meus colóquios com ele, chamo-o de Você com o maior respeito, mas também com a intimidade que me parece compatível entre nós. Acho mesmo que o você foi uma das grandes invenções dos portugueses, que se traduz com notável precisão no you da língua inglesa, que serve para toda gente, nobres e plebeus.

"A linguagem - escreve Yost - conserva algumas das peculiaridades verbais e sintáticas de Patience, e a mesma liberdade das restrições gramaticais."

Deve-se acrescentar que ela assim procede não porque ignore as normas que regem a elaboração de um bom texto, mas porque deseja expressar-se de modo mais livre e personalizado, de vez que, reconhecidamente, no dizer de Reedy - e ele tinha autoridade para dizê-lo - "a linguagem na qual Patience Worth se expressa, ela construiu para seu uso pessoal a partir de simples raízes anglo-saxônicas."

Mas não apenas críticos literários, escritores e intelectuais em geral opinaram sobre os escritos de Patience Worth; os pesquisadores do psiquismo também se envolveram no debate, ainda que mais interessados no aspecto psicológico ou clínico do problema.

Dentre esses, um exemplo é o doutor Morton Prince, que opinou azedamente (p. 124), dizendo que se tratava de:

[...] um livro que passaria à história como uma tola aventura destinada a influenciar o público em proveito de idéias que não ofereciam credenciais adequadas qualquer que seja o material existente entre as duas capas.

Paradoxalmente, no entanto, acrescenta a seguir:

Não há dúvida de que os poemas eram de boa qualidade, muito acima da produção usual do automatismo, (30) e o mesmo se aplica ao restante do material literário. Tudo isso é boa literatura e merece ser lida somente por isso.

(30) – *Leia-se psicografia.*

Henry Holt, o editor que assumiu a corajosa atitude de lançar *The sorry tale*, em 1917 - a edição da qual fiz a tradução -, também opina sobre a linguagem da autora espiritual, dizendo que, se a senhora Curran, a médium, estivesse em busca de fama literária, como alegavam alguns, "difícilmente teria escolhido uma linguagem que ninguém fala e, provavelmente, ninguém jamais falou".

XI

O livro, o público e a crítica

O livro foi lançado, afinal, num clima de grande expectativa em torno do que diria a crítica especializada. Litvag resume em poucas e eficientes palavras: "As críticas começaram a aparecer e foram predominantemente favoráveis, umas poucas delas eram extáticas."

Tratava-se, evidentemente, de "um livro de largas proporções, espantoso no seu escopo e ambicioso", continua. Mas a linguagem difícil começou também a chamar a atenção dos entendidos. O sisudo New York Times, como sempre, deu o tom:

A longa e complexa história é construída com a precisão e a acuidade de um mestre. É um livro maravilhoso, belo e nobre, mas nada fácil de ler. Sua arcaica linguagem e o freqüente uso de colocações fraseológicas indiretas exigem a maior atenção. O sentido é, às vezes, tão obscuro que somente considerável estudo o tornará compreensível.

A publicação intitulada The Nation reconheceu:

Marion Reedy, um dos grandes críticos da época, conservou intacto seu ceticismo, mas teve o bom senso de ver o livro objetivamente como um trabalho literário, independentemente de suas 'duvidosas' origens.

Esta é a mais extraordinária peça literária que eu li. Não tem paralelo que seja de meu conhecimento. Esta escrita numa linguagem toda sua e de ninguém mais - não uma imitação de antigo ou médio inglês, mas feita de locuções, frases e palavras peculiares a Patience Worth.

Prossegue mais adiante, chamando a atenção para:

[...] a beleza do livro em forma de conteúdo [...] agoniada ironia [...] singular peça literária [...] cheio do que os eruditos da Bíblia chamam de sabedoria. E belo e profundo depois de dominadas as dificuldades da forma... destaque meus.

Nem tudo, porém, eram flores.

H.W. Boynton, outro respeitado crítico da época, escreveu um tanto irritado, em The Bookman, que o livro era escrito.

[...] numa linguagem que nenhuma mulher inglesa do século 17 ou

nenhum homem ou mulher de qualquer século poderia escrito – uma estranha mixórdia de forçados e tosquiados sem a menor preocupação gramatical,(32) que mal escapa de um mero blá-blá-blá (33)

(32) - Há que fazer um circunlóquio para traduzir o termo original grammarless - ao pé da letra, 'desprovido de gramática'

(33) – É difícil, as vezes, resistir a uma expressão que tanto se aproxima da gíria. Foi o que pode fazer do termo gibberish. Mr. Boynton que me desculpe a liberdade tomada com seu bem escovar e erudito texto crítico.

Ao referir-se a Hope trueblood, publicado pelo mesmo Henry Holt, em 1918, Litvag (p. 187) destaca o contraste do texto desse livro com:

[...] a linguagem habitual de Patience, que se afigura um verdadeiro espinheiro verbal com o qual a maioria dos leitores tem de se haver o tempo todo.

XII

Como ficamos então?

A despeito de críticas desfavoráveis, algumas bastante veementes, mal-humoradas e até agressivas, há sobre o livro um amplo saldo de aprovação. Trata-se de uma obra digna de respeito e admiração, tanto do ponto de vista meramente formal quanto pelo seu expressivo e até espantoso conteúdo. A autora revela surpreendente conhecimento e familiaridade com o contexto em que se movem seus personagens históricos e fictícios. Pode-se até suspeitar que alguns ou muitos de tais figurantes, tidos por fictícios, tenham sido gente de verdade, com seus problemas, suas lutas, grandezas e mesquinhas, crueldades e gestos de bondade. Essa é, pelo menos, a minha impressão pessoal. Há, evidentemente, tipos caricatos, simbólicos, quase diria metafóricos, mas mesmo esses têm em si uma estranha e convincente vitalidade e parecem às vezes saltar das páginas para a vida.

Com isso já nem sei se poderia botar Hatte, por exemplo, entre as presenças ficcionais, a despeito de suas improváveis origens: filho do imperador Tibério com Téia, uma escrava grega de raízes nobres. E certo que Hatte é a humanização do lado trevoso e mau da eterna dicotomia bem/mal, ódio/ amor, em contraste com Cristo, que representa a luz, o bem e o amor. Hatte pode ser uma presença puramente fictícia para dar corpo e alma ao toque maniqueísta da obra, mas, quem sabe? Hatte poderia até ter existido, pois a historiografia não tem como registrar a passagem de toda essa incontável multidão de gente anônima que vem desfilando pelos seus corredores ao longo de milênios e milênios. E, muito menos, seus atos e seus gestos.

Você que me lê tem todo o direito de rejeitá-lo como figurante real em vista dos traços fortes demais, extremados, literalmente desesperados que o sobrecarregam. A verdade, no entanto, é que há gente assim.

Outros personagens também me passam uma sensação de autenticidade difícil de ser ignorada. Não parecem gente inventada, por mais decantados que sejam os talentos da autora espiritual. Téia, por exemplo, e Panda,

mas vários outros, como Maria, a artificiosa Indra, a doce Neida, Neidab, o sábio tecelão de tapetes, o enigmático Ahmud Hassan e seu genial camelo, Caleb e seus remos, Aarão, um pobre ser ‘vazio’ sempre arrastando suas redes pelo chão.

Há muitas teorias sobre a origem da singular obra de Patience Worth, especialmente a sua discutida história triste.

Tentou-se o inútil, nada convincente e até infantil empenho em atribuir sua narrativa ao inconsciente da Pearl Curran, a médium. O recurso não passa de ingênuo, inconsistente e desesperado artifício com o objetivo único de rejeitar a realidade espiritual subjacente. As hipóteses, teorias e alternativas engendradas para explicar o fenômeno sem recorrer à realidade espiritual eram muito mais complexas, improváveis e fantasiosas. Atribuir à própria médium a elaboração de um texto tão complexo e erudito é apenas deslocar o problema. Como se explicaria, neste caso, a extraordinária capacidade dela?

O livro tem o sabor de um testemunho, de um depoimento pessoal. Quem escreveu aquilo estava lá, naquele tempo e contexto. Não se trata de um estudo meramente livresco de quem pesquisou o tema e o expôs com singularidade verbal e de modo convincente.

Ainda que a autora espiritual se coloque formalmente contra a doutrina das vidas sucessivas, estou convencido de que se trata apenas de uma postura cautelosa sua para não levar para o âmbito da obra o controverso conceito da reencarnação, cuja rejeição assumia as proporções de uma unanimidade à época em que o livro foi lançado. E que, de certa forma, ainda prevalece no discurso teológico tradicional e - com as honrosas exceções de sempre - na maioria dos papéis de origem acadêmica.

Vimos, ademais, que, por maiores e mais cuidadosos que sejam os esforços de Patience, seus escritos, poemas e colóquios deixam, aqui e ali, vazar convincentes implicações nas quais se infiltrou sutilmente a inevitável realidade das vidas sucessivas.

No dramático diálogo com Tibério, nos jardins do palácio imperial em Roma, Téia, já envelhecida, declara enfaticamente que, no tempo devido, escreveria com suas próprias mãos a história triste de suas aflições.

Quando a autora espiritual decidiu articular e ‘negociar’ o (re)nascimento da entidade à qual ela chama de Patience Wee, deixou

levantada a ponta do véu, pois não há como fugir à verdade contida no episódio. Trata-se de um ser a quem ela própria e o Cristo amaram e que retorna à vida na matéria.

Por tudo isso, tenho minha própria teoria ou hipótese a somar-se às muitas que se levantaram para ‘explicar’ o fenômeno Patience Worth; ela não é mais absurda do que as demais que os intelectuais e pesquisadores da época ofereceram para contornar e passar ao longe de fantasmagorias e do suspeitíssimo envolvimento com o ‘ocultismo’, entre eles o conceito da reencarnação.

Para mim, Patience Worth bem que poderia ter sido a própria Téia, tão impulsiva, apaixonada e brilhante como esta. E, acima de tudo, muito bem informada sobre todo o que se passa naquele contexto histórico.

Não me arrisco a ‘identificar’ outras figuras. Panda, por exemplo, bem que poderia estar renascido na personalidade de Casper Yost, o fiel amigo de Patience, que, desde o princípio, acreditou nela. Marion Reedy, o cético e brilhante crítico literário, que fortes laços de simpatia e fraternidade ligaram a Patience, talvez tenha sido Ahmud Hassan. Patience Wee poderia ter sido a doce Maria, filha de Flavius e esposa de Arminius, que, na versão da autora espiritual, fora Madalena.

Claro que tudo isso é especulativo e não escapa a uma tonalidade fantasiosa, mas, especulação por especulação, ofereço as minhas. Seriam desvairadas? Insensatas? Ingênuas? Ridículas? Inconsistentes? Também o são as que atribuem o longo texto ao inconsciente de Peal Curran, a uma personalidade dupla da médium ou, ainda, à mente das pessoas - como? - que participavam das reuniões.

A propósito das tais especulações, devo contar uma historinha pessoal. Tivemos há anos uma boa funcionária doméstica, simples, humilde e sem grande instrução. Conversando certa vez com minha mulher, resolveu tornar uma decisão heróica. Falava ela sobre sua família, seus parentes, amigos, sua gente, enfim. Não sei se foi naquele momento que ela percebeu, ou se já vinha matutando sobre aquilo há algum tempo, mas, de repente, ela disparou:

"Todo mundo assina Andrade lá em casa, por que eu não posso também assinar?"

Dito, resolvido e feito-dali em diante, a nossa prestimosa Tianinha

começou a assinar Andrade. Com todo o direito, aliás.

As minhas hipóteses sobre as possíveis reencarnações de algumas figuras de The sorry tale estão neste caso. Se todo mundo tem as suas, por que não poderei tê-las eu? Está aí a justificativa para o ‘meu’ Andrade.

XIII

Reflexões para concluir

Como podemos observar, o fenômeno Patience Worth suscitou enorme rebuliço nos meios culturais e científicos da época, aí pela segunda e terceira décadas do século 20. O assunto foi ampla e apaixonadamente debatido ao vivo e na imprensa, pelas mentes mais brilhantes daquele tempo. Criou-se enorme expectativa quando a editora Henry Holt resolveu, enfim, lançar o livro. Nos primeiros tempos, come era de esperar-se, a histeria vendeu bem, o que contribuiu para acirrar as disputas entre os que ficaram, no dizer de Litvag, extasiados diante da obra e os que resmungavam suas restrições ou as explicitavam asperamente.

Quanto aos aspectos digamos psicológicos do caso, houve, senão uma unanimidade, pelo menos o que muito se aproveitou de um consenso entre os cientistas de maior relevo" A tônica de tais pronunciamentos era a de que aquilo nada tinha a ver com os espíritos, nem com a sobrevivência do ser e, muito menos, com a possibilidade de intercâmbio, entre vivos e mortos, mesmo porque morto não tem cérebro, e, 'logicamente', não pode pensar. Reencarnação.? Nem pensar.

Passada a excitação da curiosidade, a obra publicada de Patience Worth começou, no dizer de Litvag a mergulhar cada vez mais nas profundezas da obscuridade". Fora apenas uma longa, ampla e complexa batalha verbal. "A despeito dos encômios de muitos críticos atentos, a massa do público leitor manteve-se apática."

A razão do fracasso era simples, acrescenta Litvag:

Os poemas e os romances eram difíceis demais de entender, os temas, pesados, exigiam concentrada atenção. Era muito mais fácil apanhar o romance mais recente ou uma história policial.

Além do mais, o livro em si estava irremediavelmente 'contaminado' por suspeitíssimas implicações 'ocultistas', pranchetas, médiuns, fantasmas invisíveis que se punham como escritores e coisas desse tipo.

Decorrido mais algum tempo, os que haviam elogiado os livros ou admitido a remota possibilidade de uma conotação 'sobrenatural' nas suas

origens reverteram suas posições ou se calaram prudentemente. E isso não ocorreu apenas com os críticos e literatos em geral, mas com os cientistas que haviam estudado o caso. Ninguém queria mais arriscar sua reputação e seu status intelectual ou social em apoio a obra tão duvidosa como aquela.

Aqui e ali, a imprensa ainda publicava uma nota a respeito ou alguns antologistas incluíam em suas publicações um ou outro dos belos poemas de Patience.

Depois disso, o rumoroso caso foi agonizando e morreu de morte natural, sem epitáfio e sem glória. Ficaram apenas o enigma, o mistério, o não explicado, de vez que a única explicação possível, a única chave na decifração do enigma, a única pista ‘policia’ para desvendar o mistério era - e continua sendo, para muita gente - a dificuldade na aceitação de uma realidade espiritual, que vem sendo obstinadamente rejeitada. Ou seja, a de que somos entidades espirituais ‘acopladas’ por algum tempo a um corpo material perecível, do qual o espírito se liberta pelo fenômeno natural que conhecemos como morte. E que esse espírito segue vivendo em outras dimensões que nos escapam aos sentidos habituais, onde continua pensando, sofrendo, amando, vivendo, enfim, para eventualmente voltar à vida na carne, a fim de dar seguimento ao processo de maturação individual.

Pois se até o recado vivo do Cristo, que provou com sua própria morte que a morte não existe, continua sob suspeita, quando não sob veemente e arrogante rejeição...

Em suma, o fenômeno Patience Worth prossegue indecifrado para muitos e indecifrável para outros tantos; sua obra morreu porque a linguagem escolhida por ela, para lhe conferir autenticidade e demonstrar que a médium nada tinha com sua forma ou conteúdo, foi considerada difícil demais - o que é verdadeiro - e porque se ‘contaminou’ com o perigoso vírus do ocultismo.

Não tenho a pretensão de achar que resolvi satisfatoriamente o complexo problema da tradução; procurei reescrever o livro numa linguagem que o tornasse inteligível. A obra tem mérito próprio a despeito da peculiar linguagem em que foi escrita originariamente, quer a gente aceite ou não os conceitos da realidade espiritual nela contidos. E

isso não apenas por sua beleza literária, mas pelo assombroso conhecimento que a autora revela daqueles tempos remotos. Ela recria o passado como se estivesse lá, e não como alguém que apenas ouviu falar do que ali teria acontecido.

Uma última palavra: não existe nada misterioso ou enigmático no caso *Patience Worth*, senão o enigma da própria autora espiritual, que pouco falou de si mesma.

Uma entidade espiritual, sobrevivente à a morte corporal por intermédio de uma sensitiva surpreendente e bem articulada história passada no tempo do Cristo. No entanto, virou tudo o que os franceses chamariam de *cause célèbre*, um descomunal e despropositado debate, tão rico em demonstrações de erudição e cultura quanto de tenaz rejeição e ignorância da realidade espiritual que o tornou possível.

Segunda Parte

Uma impressionante caso de psicografia

(Ernesto Bozzano)

Quero falar do famoso caso da personalidade mediúnica Patience Worth tal como se manifestou durante muito tempo por intermédio da médium americana senhora Curran. As revistas metapsíquicas e espíricas se ocuparam longamente do caso em questão, assim como as revistas da atualidade e os jornais políticos. A leitura da maior parte desses documentos pode ser útil a fim de formar uma idéia nítida das opiniões das pessoas competentes a esse respeito; todavia, em se querendo aprofundar o assunto, não se poderia deixar de recorrer-se à magistral obra do dr. Walter Franklin Prince: *The case of Patience Worth*. É sobretudo desta íntima obra que tirarei o material dos fatos e as observações que me são necessárias.

Durante o verão de 1913, a senhora Pearl Lenore Curran e sua amiga Senhora Hutchings foram visitar uma de suas vizinhas que possuía um pequeno aparelho mediúnico chamado Oui-ja (quadrante alfabético com uma agulha móvel no centro). Elas quiseram experimentar e a personalidade mediúnica de uma parenta do senhora Hutchings se manifestou logo. Esta senhora ficou favoravelmente impressionada e comprou, por sua vez, um Oui-ja e foi a casa da senhora Curran propôr-lhe prosseguirem juntas as experiências. Não tardaram em ver manifestar-se espíritos de parentes de uma como da outra das duas experimentadoras, mas, depois de alguns dias, a quadrante da Oui-ja ditou as letras de um nome desconhecido de todos: a de Patience Worth. Esta entidade inesperada se mostrou logo de uma vida exuberantes e senhora absoluta do aparelho mediúnico. Ela se manifestara ditando a frase seguinte: *Muitas luas; passaram desde que vivi na Terra. Eis-me de volta ao vosso mundo. Meu nome é Patience Worth.*"

Mas, uma vez dado seu nome, não pareceu ligar importância às perguntas ate informações a respeito de sua existência terrestre, fazendo

notar que a circunstância de ter vivido no século XVII tornava impossível qualquer pesquisa a seu respeito. Ela acrescentou que sua verdadeira identidade pessoal devia provir da excelência e da natureza das obras literárias que devia ditar à médium" - o que foi absolutamente conforme a verdade, pois que essas obras bastam, ou deviam racionalmente bastar, para demonstrar sua independência espiritual. De todo modo a entidade chegou muitas vezes a fazer alusões à sua vida terrestre; "Patience Worth disse ter nascido na Inglaterra no ano de 1649 (ou 1694), ter vivido na aldeia onde nascera, trabalhando nos campos até atingir a maioridade e emigrado, então, para a América, onde algum tempo depois foi vítima de uma incursão armada de índios. Conforme outras declarações, pode-se compreender que tinha nascido em Dorsetshire, e quando, algum tempo depois, o senhor Yost - um dos experimentadores - partiu para a Inglaterra, Patience Worth lhe descreveu diversos traços característicos da condado onde vivera (costas, colinas, mosteiros e caminhos) com o auxílio dos quais poderia reconhecer a pequena cidade onde tinha nascido. O senhor Yost teve a curiosidade de visitar Dorsetshire e aí encontrou as colinas que haviam sido descritas, o velho convento arruinado e os caminhos tortuosos de que Patience Worth tinha falado.

Veremos mais adiante que, quando a entidade comunicante, descrevia, nos romances e nas versos, as paisagem e as praias inglesas, ela falava delas com a exatidão de uma pessoa que já tivesse habitado essa região. O interessante é que a senhora Curran nunca esteve na Inglaterra até essa época e não havia nunca visto o mar.

Digo isto de passagem, porque, repito, o interesse teórico do caso está totalmente nas provas de identificação pessoal e gira exclusivamente em torno do mistério da origem de tantas obras literárias excelentes, em verso e prosa, assim como das modalidades extraordinárias com as quais elas se produziram.

Em algumas circunstâncias em que os experimentadores admiraram a beleza literária do ditado mediúnico, Patience Worth notara que, "durante sua existência terrestre ela já possuía esse mesmo temperamento imaginativo e poético". Esta observação não é sem interesse porque contribui para esclarecer o mistério de uma pequena camponesa morta que se manifesta, mediunicamente, ditando obras magistrais em verso e

em prosa. E preciso pensar que a genialidade de escritora era inata nesta pessoa do Dorsetshire, mas que as condições sociais muito humildes, nas quais ela nascera, lhe haviam impedido a emergência, enquanto que dois séculos e meio de existência espiritual tinham contribuído para fazer evoluir admiravelmente suas faculdades intelectuais inatas.

Relativamente às capacidades naturais de mentalidade da médium e da extensão da sua cultura geral, noto que o dr. Prince empreendeu, a este respeito, pesquisas escrupulosas, donde ressaltou que era necessário, absolutamente, excluir toda a possibilidade de emergências subscientes de conhecimentos adquiridos e depois esquecidos (criptomnesia), como se devia excluir, de maneira absoluta, a possibilidade de disposições especiais da médium para a poesia e para o romance. A senhora Curran deixara de freqüentar a escola nu idade de quatorze anos; jamais manifestara aptidões literárias, nem interesse pela literatura, enquanto que suas inclinações naturais levavam-na, ao contrário, a se consagrar à arte musical; tinha, até então, aprendido canto com a intenção de seguir a carreira teatral. O dr. Prince levou especialmente suas investigações à cultura histórica e literária da médium e verificou que nesses ramos do saber se encontravam nela lacunas consideráveis, compatíveis com uma existência passada, inteiramente, em uma pequena cidade do estado de Illinois, longe de todo o centro importante de cultura e longe do mar, que a senhora Curran jamais tinha visto.

Pois bem, é justamente a cultura histórica, literária e filológica que constitui o que há de mais notável nos romances de Patience Worth!

E para começar pela cultura filológica, dizemos que ela é de um gênero que exclui, absolutamente, toda a possibilidade de uma colaboração subsciente da médium no ditado mediúnico. Patience Worth, com efeito, conversa, constantemente, no seu dialeto de há três séculos e tem escrito romances e poemas na velha língua, ou no dialeto da sua época; tudo isto, segundo diz, a fim de provar sua independência espiritual da personalidade da médium. O professor Schiller, da Universidade de Oxford, nota a este respeito:

Fica-se admirado e impressionado ao se verificar que um dos seus romances em versos livres, *Telka*, constituído de setenta mil palavras, é

escrito na velha língua inglesa, contendo noventa por cento de palavras de pura origem anglo-saxônica, enquanto que aí não se encontra uma só palavra da língua inglesa depois de 1600...

Quando se sabe, ulteriormente, que na primeira tradução da Bíblia há apenas setenta e sete por cento de palavras anglo-saxônicas e que é preciso voltar atrás até Laymom (1205) para igualar a percentagem dos termos anglo-saxões empregados por Patience Worth, quando se reflete em tudo isto, não se pode deixar de reconhecer que nos achamos diante de um caso que pode ser definido como um milagre filológico (Proceedings of the S.P.R., vol. XXXIV, p. 574.)

Importa completar aqui as observações do professor Schiller, dando detalhes a respeito do poema idílico em versos livres, intitulado Telka, do nome de sua protagonista.

Começo por dizer que, na época em que esta peça foi escrita, Patience Worth deixara de utilizar o Oui-ja e ditava seus romances e versos pela boca da médium, isto é, esta, guardando pleno conhecimento de si, percebia uma voz subjetiva que lhe ditava palavra por palavra. A médium se limitava, então, a repetir em voz alta o que ouvia e um secretário escrevia. De tempos em tempos, o ditado era tão rápido que o secretário não a podia seguir; neste caso Patience Worth repetia a última frase e prosseguia mais lentamente. Ao mesmo tempo, a mentalidade da médium parecia tão independente do conteúdo do ditado que era livre para fumar um cigarro, para, interrompendo, tomar parte na conversa dos assistentes, era livre para se levantar e ir ao aposento contíguo atender ao telefone. Tais interrupções não tinham nenhuma influência no ditado mediúnico.

E o que também se produzia de uma sessão a outra: a personalidade mediúnica recomeçava igualmente a ditar na outra sessão, no ponto justo em que havia parado, mesmo quando vários meses se escoassem depois da última sessão.

Uma vez em que se perdera o primeiro capítulo de um romance cujo ditado já estava muito adiantado, Patience Worth o ditou pela segunda vez e, quando se encontrou de novo a parte extraviada, verificou-se que o segundo ditado era uma reprodução literal do primeiro.

Voltando ao poema Telka, eis o que escreveu o dr. Walter Prince a seu respeito:

Os personagens de Telka vivem; vemo-los, conhecemo-los. Nenhum deles é repetição do outro. Algum personagem poderá manifestar tendências e disposições análogas às de um outro, mas, ao mesmo tempo, manifesta traços característicos que lhe são próprios, que o diferenciam de todos os outros.

Ao contrário, os personagens de Maeterlinck (refiro-me a este escritor devido a grande reputação que conquistou em gênero análogo), constituem quase sempre sombras sem vila, que, dificilmente, se podem individualizar segundo suas palavras ou conforme qualquer outro de seus característicos. E, entretanto, reconhecemos em Maeterlinck um grande artista.

De todo o modo, não posso deixar de notar que, quando surgir a aurora do dia em que desaparecer a aversão que se experimenta hoje pelas produções mediúnicas que chocam sobretudo os senhores críticos de arte, então se descobrirá que Patience Worth, a julgar por seu poema Telka, é bem superior a Maeterlinck. (Ibidem, pp. 237-9).

A propósito da língua arcaica empregada no poema em questão, eis o que escreveu o sr. Gaspar Yost, que publicou uma obra sobre suas experiências com a senhora Curran:

"Telka é única na pureza de sua língua anglo-saxônica, na combinação das diversas formas dialetais de localidades e épocas diversas, em algumas de suas formas gramaticais particulares, nos desvios e nas extensões conferidas à significação de certas palavras... A maneira de Shakespeare, ela emprega por vezes um advérbio como se fosse um verbo, ou um adjetivo... Isto se explica pelo estado transitório em que se achava a língua inglesa nessa época, mas essa observação constitui uma prova suplementar em favor do fato de que Patience Worth está plenamente de acordo com o, seu tempo, mesmo nas anomalias gramaticais. Nenhuma dúvida pode existir sobre isto: que a linguagem de Patience Worth deve ser considerada como sendo absolutamente espontânea nela, o que está demonstrado pela circunstância de que ela não a emprega exclusivamente em uma de suas obras mas que dela se serve constantemente nas suas conversas, com as palavras presentes... (Ibidem, pp. 363, 364 e 365).

Ainda a respeito de Telka, preciso assinalar um último detalhe dos mais surpreendentes: é que este poema de setenta mil palavras, em versos

livres, foi todo ditado à médium em trinta e cinco horas!

Prossigamos: apesar das maravilhas que acabo de relatar, apresso-me a observar que *Telka* não é a obra literária de *Patience Worth* que mais valor tem. A obra mais rica e mais admirável, sob certos pontos de vista, é o seu grande romance: *The sorry tale* (A história triste) cuja ação se desenrola na Palestina, no tempo do Cristo e a qual nos faz assistir ao drama da crucificação. É um romance histórico duma vasta concepção, no qual atuam certos caracteres que não são comparsas superficialmente desenhados, mas caracteres poderosos de personagens vivas. O protagonista é um filho natural do imperador Tibério, nascido de uma bela escrava grega, chamada Téia... Expulsa de Roma, ela é transferida para a Palestina e a criança nasce em uma tenda de leproso, fora dos muros de Belém, enquanto que, na mesma noite, dentro da pequena cidade, nasce Jesus. Na amargura do seu embrutecimento, a mãe dá ao recém-nascido o nome de Ódio. O ódio é, de fato, a paixão que domina a existência do filho, até seu trágico fim. A vida deste homem se desenrola paralelamente à de Jesus: um representa a encarnação do ódio na Terra; o outro a encarnação do amor.

O capítulo da crucificação, que é muito longo, fui ditado à médium, durante uma única sessão. É um capítulo terrificante pela extraordinária vivacidade de ação. Não se fez apenas uma simples descrição do trágico acontecimento e sim de todos os seus mais cruéis detalhes: assiste-se, aterrorizado e aflito, ao drama do Gólgota. Encontra-se o mesmo colorido em todas as cenas às quais o romance nos transporta e que não são somente representadas de uma maneira exuberante, mas geográfica e historicamente irrepreensíveis, assim no que concerne o Palestina como à Roma imperial. A este propósito, tinha-se acreditado ter apanhado uma vez só em erro *Patience Worth*: é quando ela faz conferir ao imperador romano, pelas personagens judias, o título de rei. Ora, verificou-se pela história de *Ewald* que, nas províncias do império romano, existira o costume de chamar rei ao imperador de Roma. Segue-se que este pretense erro contribui, ao contrário, para fazer sobressair admiravelmente até que ponto, nos romances de *Patience Worth*, se vive no meio dos tempos que aí se descrevem.

Eis outra circunstância que o demonstra de modo ainda mais

estupefaciente, que tem relação com as modalidades nas quais se realizou o ditado do romance. A médium via desenrolar-se diante de si uma visão panorâmica de todos os acontecimentos que eram descritos, sucessivamente, no ditado mediúnico. O que admira mais, porém, é que os quadros que ela contemplava eram representações totais de acontecimentos complexos, visualizados ao natural, enquanto que as descrições dos mesmos acontecimentos, tais como eram dados pelo ditado mediúnico, não eram jamais totais. Em outras palavras, no ditado mediúnico não figuravam numerosos incidentes observados pela médium nas projeções cinematográficas que lhe eram apresentadas. E evidentemente porque certos incidentes secundários nada tinham a ver com o assunto do romance. Mas, então, porque eram eles projetados à visão da médium? Só se pode responder a esta última questão de uma única maneira: necessariamente tudo isso se produzia porque se tratava de projeções panorâmicas representando quadros reais de um passado muito longínquo. Nestas condições, era natural que, ao lado dos acontecimentos principais, houvesse outros mais ou menos insignificantes, estranhos aos acontecimentos principais, como acontece em outra circunstância análoga a um acontecimento tomado após um fato que se desenrola ao ar livre com o concurso do povo.

O dr. Prince trata, como sempre, dessas espécies de incidentes secundários:

A médium percebia cães que atravessavam o caminho correndo; via carros construídos de um modo estranho e cujas rodas eram feitas de caniços enrolados, curvados em círculos. Estes carros eram puxados por bois, cujos arreios eram mais estranhos ainda do que os carros. Ela assistia à feira dos judeus, assim como às disputas que havia entre negociantes barbudos e seus clientes; ouvia as lamentações das mulheres que trocavam utensílios por comestíveis; observava os grão sacerdotes que passavam com suas vestes faustosas e via a Arca Santa e o Templo, tais como tinham sido, realmente, reedificados nessa época; contemplava as paisagens de Belém e de Nazaré e assistia à passagem de Jesus cercado pela multidão.

O mesmo fenômeno se reproduziu durante o ditado do outro romance: Hope trueblood, em que a médium viu desfilar diante de si a paisagem

inglesa. Neste caso, naturalmente, as cenas eram mais familiares à médium, mas igualmente vivas e naturais. (p. 395).

Para ser breve, não prosseguirei na análise do magistral romance em questão, embora possa assinalar vários outros detalhes de interesse muito persuasivo. Pela mesma razão, não analisarei o conteúdo dos outros excelentes romances ditados por Patience Worth, de títulos: *The Merry tele*, *Hope trueblood*, *The pot and the whel*, *The fool and the lady*, *The stranger*, *The madigral*, *Samuel Wheaton*, *Redwing* (este último, um drama). Esta enumeração mostra que a produção literária de Patience Worth já se compõe de nove romances e um drama; aos quais é preciso acrescentar uma coleção de provérbios e aforismos, um número extraordinário de composições poéticas de todas as espécies, cujo valor não é inferior ao dos romances, seja do ponto de vista da formação ou da genialidade da inspiração.

Os romances *Telka* e *Merry tale* foram ditados na língua ou no dialeto do século XVII. Os outros romances, dramas e poemas, foram escritos na língua inglesa moderna, ainda que o estilo e a forma ofereçam os traços característicos que distinguem a personalidade de Patience Worth.

No que concerne à produção poética de Patience Worth, o dr. Prince teve o cuidado de reproduzir, em sua obra, passagens de todas as espécies, as quais ocupam cento e trinta páginas do seu volume. Todas as poesias e todos os assuntos estão aí representados. Ora aqui, ora ali, o dr. Prince estabeleceu comparações entre os poemas de Patience Worth e os análogos de Keats e outros poetas ingleses, demonstrando que Patience Worth os iguala sempre, quando não os ultrapassa. Note-se que grande parte desses poemas são improvisos feitos sobre temas sugeridos no ocasião pelos experimentadores.

Certa vez, o dr. Prince convidou Patience Worth a ditar-lhe versos que começassem por tal ou qual letra do alfabeto, na ordem em que se acham aí dispostas. O poema pedido foi ditado, imediatamente, com uma rapidez de dicção regulada por aquela que o secretário devia empregar para escrever a pena. O dr. Prince nota que Patience Worth parece achar-se consciente da excelência da sua produção literária, mas que está longe de envaidecer-se com isto. Ele continua, dizendo:

Desde o começo, pode-se ver que ela não ignorava seu alto valor

pessoal, pois que se exprimia sempre como um personagem consciente de sua própria autoridade ou, antes, sabendo que tinha uma missão a cumprir. Ao mesmo tempo, porém, em todos os seus atos, em todas as suas exigências, observavam-se detalhes que bastam para demonstrar que não era inspirado pelo orgulho. Poder-se-ia compará-la a uma mãe que dirige e aconselha seus filhos na mocidade, sem ter mesmo uma sombra de orgulho por sua superioridade mental em comparação a deles. Patience Worth deixa, por sua vez, subentender que ela tem sobre nós a vantagem da experiência e de uma situação privilegiada, graças às quais é muito natural que esteja em condições de aconselhar e dirigir os que só possuem a experiência adquirida durante alguns anos de existência terrena. Do mesmo modo, deixa subentender que sua produção literária chegou a tal grau de excelência, graças ao meio infinitamente mais favorável no qual declara existir. Teve o cuidado, mais de uma vez, de lembrarmos que é, em certo sentido, uma mensageira de Deus, enviada aos vivos em missão, que devia cumprir da maneira mais conforme a sua natureza espiritual. Eis algumas frases das suas conversas significativas: "Farei com as palavras o que se faz com sonoras castanholas. Fa-las-ei brilhar com luz nova, empalidecer, gemer, desfalecer. Fa-las-ei arder no fogo de todas as paixões; serão vingadoras, embravecidas, coléricas, torcidas, mordazes. O que me seguir se julgará grosseiro em face das prodigiosas cabriolas às quais submeterei as palavras. Estas mãos saberão tecer a linguagem humana de modo a maravilhar o mundo." (Ibid., p. 212).

O dr. Prince reproduz longa série de afirmações análogas de Patience Worth, mas a que se acaba de ler pode bastar para deixar entrever-lhe o pensamento. Ela queria, em suma, que se soubesse que tinha uma missão a cumprir na Terra: a de contribuir para demonstrar aos vivos a existência e sobrevivência da alma e isto fora das provas habituais de identificação pessoal, isto é, fornecendo provas complementares, destinadas a confirmar as fundadas sobre indicações pessoais, dadas pelos defuntos que se comunicam. Esta tarefa consistiria, para Patience Worth, em demonstrar que ela tem mesmo de compor jóias literárias que a mentalidade de um escritor vivo não poderia fazer, apesar de toda a sua competência, obrigando, assim, a razão humana a reconhecer a intervenção real de entidades espirituais nas manifestações mediúnicas.

Daí indiquei as mais notáveis destas jóias: por exemplo, a suprema excelência da arte de Patience Worth, em todas as modalidades, de criações literárias, apesar da intelectualidade modesta da médium; o fato de ter ditado romances em uma língua ou em um dialeto do século XVII e isto com tal precisão na linguagem arcaica, que não se vê aí uma só palavra da língua inglesa, que tenha entrado em uso depois de 1600, enfim, a genialidade extraordinária de que ela deu provas no improviso de composições poéticas, de forma irrepreensível, admiráveis por suas imagens e elevação de idéias, composições que rivalizam com as dos melhores clássicos ingleses, se não as ultrapassam.

A propósito desta última jóia literária, o dr. Prince nota:

Seria útil que nossos leitores voltassem atrás para relerem os pequenos poemas improvisados, imediatamente, sobre assuntos escolhidos; só nos detendo para lhes analisar a excelência é que chegamos a considerar as proporções maravilhosas do fenômeno. Que se releia, por exemplo, os versos rotulados *The Day's Work*. Parece incrível que essa longa composição poética, tão viva por suas imagens, tão magnífica por sua forma, no impecável pelo emprego das palavras, tão profunda por suas idéias, tenha sido improvisada sobre um assunto escolhido, da maneira mais instantânea, considerando-se o intervalo entre o pedido e a execução! Quem se sentiria capaz de melhorar esses versos? (Ib., p. 349)

Além dessas jóias de natureza elevada, Patience Worth se prestou a dar provas de toda a sua arte literária, relacionada com uma agilidade técnico-mental que os vivos não saberiam imitar, ou, para empregar uma de suas próprias frases: "Ela se diverte em jogar com as palavras como se faz com sonoras castanholas"...

Assim, por exemplo, certo dia, o dr. Prince convidou-a a ditar simultaneamente dois poemas sobre assuntos muito diferentes, um em inglês moderno, outro no dialeto do século XVII, entrelaçando, sucessivamente, dois versos de um com dois versos de outro, até o fim. Ela o satisfez logo, ditando, correntemente, esse imbróglio inverossímil de dois poemas distintos no assunto e na linguagem., engendrados simultaneamente. O dr. Prince reproduz essas duas composições poéticas e pergunta:

Há qualquer indício de pressa nestes versos soberbos? Apresentam eles

traços característicos das condições caóticas nas quais foram produzidos? Que me digam qual palavra deveria substituir outra para melhorar a dicção! Os quatro últimos versos do primeiro poema são esplêndidos pela significação profunda da imagem final. (Ib., p. 290-3).

No capítulo intitulado: "Uma noz para ser quebrada pelos psicólogos", o dr. Prince cita, entre outras coisas, estes prodígios, análogos aos precedentes, da entidade que se comunicava:

Patience escreve agora quatro romances simultaneamente e dita, sucessivamente, uma passagem de cada um. Depois de ter ditado algumas linhas do primeiro em dialeto arcaico, passa a fazer outro no segundo em linguagem moderna seguida, vai intercalando um e outro, de continuidade, e com uma constante celeridade. Em dado momento ela toma dois personagens de dois romances diferentes e faz com que um palestre com o outro, de maneira que o personagem de um romance parecia responder ao outro e discutir com ele. Quando as passagens dos dois romances foram desenredadas e colocadas nos seus textos respectivos, verificou-se que cada uma delas se adaptava perfeitamente à parte que devia ocupar no texto. (Ib., p. 401-2).

Em outra ocasião, enquanto a senhora Curran escrevia uma carta a uma de suas amigas, Patience Worth empregava sua laringe para ditar, correntemente, uma admirável composição poética intitulada: Feuz Follets. (Ib., p. 285-6).

Fecho a exposição dos fatos a fim de passar à discussão das hipóteses destinadas a explicar, se possível, tal prodígio.

Como nota o dr. Prince, é claro que, no caso de Patience Worth, o verdadeiro problema a resolver consiste em pesquisar donde podia provir tão grande número de obras literárias de primeira ordem, nas quais se notam vasta cultura e notável gênio, riqueza de forma inesgotável no modo de exprimir o pensamento, profundidade filosófica, sagacidade penetrante, espiritualidade elevada, rapidez fulminante na concepção de idéias, habilidade excepcional no desenvolvimento das mais complexas operações mentais, enfim, também, uma adivinhação aparente do pensamento dos outros. Como tudo isto pode manifestar-se por intermédio da senhora Pearl Lenore Curran, de Saint Louis, a qual, de acordo com suas próprias declarações com o testemunho e as provas que

vieram à luz, não possui e jamais possuiu cultura correspondente, não tendo, ademais, mostrado disposições literárias nem aspirações nesse sentido? Só nos resta, agora, aplicar ao difícil problema as diferentes hipóteses que se puderam formular a respeito.

A primeira, que se apresenta, é a do 'subconsciente', entendido na significação estritamente psicológica do termo, segundo a qual achar-nos-íamos em face de um caso de desagregação psíquica e da formação consecutiva de uma personalidade subconsciente, fração sistematizada da personalidade integral consciente, que emergiria, alternativamente, à superfície, quer dominando temporariamente o campo consciente da médium, quer se manifestando no exterior pela utilização da mão e da laringe da mesma.

O único psicólogo da escola universitária, que estudou, pessoalmente, o caso em questão, foi o professor Cory, que reconheci, sem restrições, o "prodígio de uma personalidade mediúmica que refletia, em suas obras literárias, a vida e os costumes de outros tempos e isto com uma competência e uma familiaridade que não podia deixar de espantar profundamente os leitores..."

Ele reconhece que o romance *The sorry tale* faz supor que sua autora possua enorme acervo de conhecimentos a respeito da vida e costumes da Palestina e de Roma, na época de Cristo. Reconhece também que a ação de Telka se desenrola na Inglaterra e que este romance está escrito em um idioma arcaico, pertencente a regiões e a épocas diferentes, o que causa grande perplexidade, complicando ainda o problema a resolver. Tudo isto, segundo o professor Cory, tenderia a demonstrar que "o tipo e a estrutura da mentalidade de Patience Worth são tão novas que é bem difícil imaginar até onde poderia estender-se a exuberância de sua mentalidade e quais os limites que se lhe poderiam marcar."

Apenas, depois de ter lealmente reconhecido a complexidade enorme do problema a solucionar, o professor Cory conclui supondo que Patience Worth seja o produto de uma atmosfera de expectativa ansiosa por uma manifestação do além; é então mais que provável que esta expectativa se tomasse o fator essencial da dissolução psíquica que se desenvolvia... e Patience Worth nasceu nas profundezas do subconsciente. Engendrada na atmosfera do ideal, concebida por pura fantasia, ela modelou seu próprio

ser de uma pura substância imaginária e assim quer ficar, nada assimilando do que contradiz a ilusão que a domina... Segue-se daí que ela persiste em crer que tenha sido uma jovem inglesa que viveu na Inglaterra, há vários séculos.

Em suma, o professor Cory conclui seta se preocupar, de modo algum, em explicar de que maneira uma fração da personalidade dissociada pode ser mais vasta, mais erudita, mais inteligente e mais genial do que a personalidade integral consciente de que provém. Inútil perder tempo em discutir uma hipótese literalmente insustentável e absurda, do ponto de vista da lógica, nos limites em que a querem manter os psicólogos ortodoxos.

O dr. Prince analisa, de princípio ao fim, o estudo do dr. Cory, demolindo, sucessivamente, todas as argumentações e isto de modo decisivo. A refutação do dr. Prince é magistral, mas, na verdade, dez linhas bastariam para abater uma hipótese que só pode ser sustentada não se levando em conta os fatos.

Quando a análise crítica do dr. Cory foi publicada, um experimentador informou Patience Worth de que um psicólogo eminente concluía que ela era uma fração da personalidade da médium. Eis sua resposta, ditada, como sempre, no dialeto arcaico de há três séculos:

Quem ousou dizer então que sou uma parcela extraviada da imaginação da médium? Quem ousou sustentar então que uma grande intelectualidade é filha da imaginação de uma pequena intelectualidade? A voz daquele que proclamou semelhante absurdo ficará sem eco. Que ele venha e me ligue à médium, se isto lhe apraz, mas o futuro proclama-lo-á um Tolo. Sua pena é pequena! A minha é uma pena de miro temperada na sabedoria antiga. Eu não canto por cantar, mas para que meu canto Persista! A idéia de apresentar-me como uma fração da 'harpa viva', que eu emprego, equivale a distribuir a criancinhas livros, crânios, espadas, vinho e Sacramentos para que elas se divirtam com isto. Vede: toco a 'harpa viva' e ela responde vibrando uníssona com a voz da sabedoria antiga." (Psychic Science, 1928, p. 164).

Acrescento que o dr. Prince e o professor Mac Dugall concluem, por sua vez, em perfeito acordo feito com Patience Worth. O primeira nota: "Querem fazer-nos admitir que o maior esta contido no menor." O

segundo diz: "Tudo isto equivale a sustentar que a parte é mais vasta do que o todo."

Creio que isto deve bastar; não falemos mais do caso e passemos à segunda das hipóteses que podem ser formuladas.

O dr. Prince, em várias passagens do seu volume, deixa claramente compreender que ele considera a hipótese espírita como a única capaz de abraçar o conjunto dos fatos, todavia, com a circunspeção de um sábio, que se dirige a outros sábios que não estão ainda maduros para certas verdades, conclui, entrincheirando-se por detrás de um dilema que é constituído de duas proposições e que os psicólogos universitários não achariam de seu gosto... Diz ele:

Eis a tese que formulei após dez meses de estudos assíduos dos fatos: ou modificar radicalmente a concepção do que se chama 'subconsciente', nele compreendendo potencialidades intelectuais das quais não se tem idéia alguma até aqui, ou bem reconhecer a existência de uma causa que age por intermédio da subconsciência da senhora Curran, porém estranha à sua subconsciência. No primeiro caso, torna-se normal o que se considerou até aqui 'supranormal' (da mesma maneira que a hipnose, a qual, há um século, parecendo subentender possibilidades supranormais, foi depois 'normalizada'); no segundo caso, tem-se que admitir o 'supranormal'.

Reconheço, por minha vez, que, se para os casos análogos ao de que nos ocupamos se renuncia à hipótese do 'subconsciente', entendida no sentido de uma fração sistematizada da dissociação psíquica do indivíduo e se admite a hipótese de Myers, segundo a qual existe, talvez, no homem uma personalidade integral subconsciente, infinitamente mais vasta e perfeita do que a consciente, dotada de faculdades de sentido supranormais e de capacidades intelectuais cuja emergência esporádica daria lugar às "inspirações do gênio", reconhece qual se se admitisse tudo isto, se chegará, até certo ponto, à consideração do caso em questão. Digo, "até certo ponto", porque se teriam que enfrentar obstáculos formidáveis.

De fato, se com esta hipótese se chegasse a explicar, de qualquer modo, a excelência das obras literárias ditadas pela personalidade mediúnica, assim como a ligeireza extraordinária com a qual ela jogava com as palavras, não se explicaria ainda como lhe foi possível escrever romances

em um dialeto do século XVII e isto sem jamais cair no erro de inserir, no texto, termos usados depois de 1600. Do mesmo modo, não se explicaria como provou estar ao corrente dos costumes e usos da Palestina e de Roma, na época do Cristo. Estas duas circunstâncias se transformam em uma grave objeção pois que unia personalidade integral subconsciente se identifica ainda e sempre com sua própria personalidade normal. Ora, em nosso caso, esta ultima personalidade era totalmente ignorante dos dialetos arcaicos empregados por sua suposta personalidade integral, como o era dos costumes e usos de povos existentes há dois mil anos. Isto, porém, ainda não é tudo. E evidente que uma personalidade integral subconsciente que atesta, por fatos, o grau muito elevado de sua superioridade intelectual, em comparação ao da personalidade consciente, não deveria jamais mostrar-se sugestionável ou autos sugestionável - duas formas patológicas da êxtase mental que indicam uma restrição enorme do campo consciente da personalidade humana. Ora como esta ultima argumentação é incontestável, segue-se que não se poderia explicar como uma personalidade subconsciente tão superior à consciente pode iludir-se a ponto de crer ter vivido na século XVII, sob a forma de uma pequena pastora emigrada para a América e morta em uma emboscada de índios.

Inútil fazer notar quão poderosa é esta objeção, que parece fundada na experiência das fases profundas, na hipnose e no sonambulismo magnético, fases nas quais o sujet não é mais sugestionável. Esta objeção é, sobretudo, indiscutível em nome da lógica e do senso comum, tanto mais que as afirmações da personalidade mediúnica correspondem ao fato de ter ela, constantemente, conversado na dialeto arcaico que se falava na sua época, no condado em que diz ter nascido.

O obstáculo teórico em questão não poderia ser evitado, supondo-se que a personalidade integral subconsciente, de que se trata, conhecesse bem o que ela era, mas se faz passar pelo espírito de uma morta, a fim de enganar os vivos.

De fato, neste caso, se iria ao encontro de outra monstruosidade de natureza moral, igualmente inadmissível. Com efeito, uma personalidade consciente, de tal modo mais elevada e mais perfeita que a consciente, deveria ser moralmente superior a esta última, em uma medida correspondente; ela não deveria, então, jamais mentir e sobretudo mentir

com a intenção estúpida e malévola de enganar os viventes, mistificando os nas suas aspirações espirituais e afetivas mais sagradas.

Resumamos, então, a questão. Considerando que a hipótese da ‘consciência subliminal’ supõe a existência, na consciência humana, de uma personalidade integral espiritual dotada, em uma medida superlativa, de qualidades mais elevadas que a da personalidade consciente, segue-se daí que ela não deveria jamais iludir-se sobre sua existência a ponto de crer-se uma pessoa morta, tendo vivido em certa localidade, em condições sociais bem definidas, em uma época determinada, com o conhecimento perfeito da língua arcaica de época indicada. Além disto, considerando que esta personalidade integral espiritual deveria possuir, em uma medida correspondente às suas faculdades superiores intelectuais, também um senso moral não menos elevado, resulta daí que ela não deveria rebaixar-se e perverter-se ao ponto de enganar, cruelmente, os vivos. Deve-se, então, reconhecer que minhas considerações, ora expostas, demonstram ser a hipótese da ‘consciência subliminal’ insuficiente, por sua vez, para considerar os fatos em seu conjunto.

É necessário, então, buscar outra que seja suficiente para o caso. Eis que se apresenta uma terceira, de latitudes infinitas, que oferece um traço característico muito curiosos,: ser tirada do esquecimento, onde dorme quase sempre em estado latente, somente nas crises teoricamente desesperadas, às quais são sujeitos os partidários da interpretação anímica da fenomenologia supranormal toda inteira. Ela se chama ‘hipótese da consciência cósmica’ e é suscetível de se dividir em dois ramos bem distintos, segundo o desejo de quem a emprego. Há os que, como Hartmann, usam e abusam dela na significação verdadeira e própria da consciência cósmica , atributo do Absoluto, isto é, de Deus. Neste caso ter-se-á de admitir que a subconsciência dos médiuns entra em relação direta com o Ser Supremo e isto com o nobre fim de enganar o próximo, proposição que é absolutamente blasfema.

Há, ao contrário, outros pesquisadores que empregam a hipótese em questão com o significado que lhe conferiu o professor William James, segundo o qual, em um ponto de vista metafísico, poder-se-ia supor a existência de um "reservatório cósmico de memórias individuais", no qual teriam livre acesso os médiuns, sendo esse um lugar donde extrairiam

tudo e que lhes fosse necessário para mistificar os pobres mortais.

O eminente psicólogo e fisiólogo inglês, professor Schiller, da Universidade de Oxford, por ocasião de uma análise do caso de Patience Worth, que publicou, fala das duas formas da hipótese em questão e do fato nos seguintes termos:

Há filósofos que, uma vez enveredados pelo caminho cômodo da extensão hipotética da personalidade humana, mostram-se mal dispostos a parar, enquanto não atingem o Absoluto. Devemos, então, estar prontos a saber de algum crítico que a arte literária de Patience Worth vem de uma revelação autêntica do Absoluta, ao passo que um outro, mais moderado, falará de uma arte que seria extraída de um 'reservatório cósmico', no qual estariam recolhidos todos os esforços literários dos séculos. Observo que esta segunda versão da hipótese em causa não considera bastante a problema da 'seleção dos fatos' do reservatório acima, ao passo que a primeira versão se choca com outra dificuldade formidável: é que, neste caso, Patience Worth constituiria uma revelação antes humorística e excêntrica desse absoluto infinitamente perfeito, do qual falam os filósofos. Se me objetasse que uma personalidade só pode ser uma seleção do Absoluto, eu responderia que tal esclarecimento esclarece até demais. Com efeito, se Patience Worth é, neste sentido, uma "seleção do Absoluto", somos todos, da mesma forma, "seleções do absoluto", o que equivale a dizer, nos limites da argumentação em questão, que Patience Worth deveria ser um 'espírito' como todos ou outros. (Proceedings of the S.P.R., vol. XXXVI, p. 575).

Parece-me que a argumentação do professor Schiller é de tal modo cerrada e decisiva que dispensa qualquer outra. Noto apenas, no concernente à hipótese do 'reservatório cósmico', que a objeção formulada pelo sr. Schiller, isto é, a de que se trata de uma hipótese que não considera, suficientemente, o problema da 'seleção dos fatos' da parte da personalidade subconsciente do médium, é sobretudo formidável no caso especial de Patience Worth. Com efeito, se se devesse supor que se recolheram e se enfileiraram no "reservatório" em questão todos os termos velhos da língua inglesa, caídos em desuso depois do ano 1600, tudo isto representaria, apenas, um material bruto que não poderia ser utilizado senão por aqueles que conhecessem a significação de cada vocábulo,

assim como a conjugação dos verbos, desinências dos nomes, construções gramaticais e as elisões inumeráveis inerentes ao dialeto, ao qual pertenciam as palavras em questão. Seria preciso, além disto, que aquele que se servisse desses vocábulos estivesse em condições de discernir os que estavam em uso antes de 1600 dos que estão em curso depois daquele ano).

Ora, a personalidade ‘subliminal’ da médium não podia realizar tudo isto; a personalidade normal da médium jamais possuiu aqueles conhecimentos e de outra parte eles tão podiam existir onde quer que fosse, em estado latente, considerando-se que a estrutura orgânico de uma língua não é senão pura abstração. Nestas condições dever-se-ia concluir, racionalmente, que o problema não pode ser resolvido sem admissão da intervenção de uma entidade estranha ao médium, bem conhecedora da língua de que se serviu tão corretamente.

Segue-se daí que a hipótese fantástica do “reservatório cósmico” não se mantém de pé em face da prova dos fatos e que é necessário excluí-la, por sua vez, do numero das que possam abranger o conjunto do caso de que nos ocupamos.

Como se pode ver, o simples fato de apresentar e discutir as hipóteses ‘naturalistas’, aplicáveis ao caso de Patience Worth, nos levou, por nossa vez, a tender para a segunda proposição no dilema formulado pelo dr. Walter Prince, proposição na qual se supõe a existência de "uma força agindo por intermédio da senhora Curran, porém estranha à sua subconsciência"... Na página 460 do seu volume, o dr. Prince, durante sua polêmica com o professor Cory, escreve a este respeito:

Concorda-se que Patience Worth é "cientificamente racional, sã e equilibrada", porém, no meio de tanta racionalidade elevada e de mentalidade equilibrada, pretende-se descobrir "uma ilusão obstinada e persistente: a de crer ter vivido em uma época recuada em nosso planeta". Contudo, observo eu, por minha vez, que o fato de falar num dialeto arcaico, desaparecido, há séculos, não é uma ilusão, assim como o outro fato de descrever regiões estranhas com seu real colorido local; duas circunstâncias que seriam inexplicáveis no que se refere à senhora Curran, mas que seriam todas naturais se a pretensa ilusão fosse, ao contrário, uma realidade. Neste último caso, ela só faria empregar as recordações de

sua experiência terrestre combinadas com as prováveis consultas espirituais e com sabedoria adquirida no decurso de dois séculos e meio de existência transcendentais. E não é uma ilusão que ela possui uma genialidade literária maravilhosa, da qual a senhora Curran jamais manifestou o menor indicio, mas que uma pastora inteligente e genial poderia muito bem ter desenvolvido em si mesma, durante os séculos que se seguiram ao seu trespasse, se a sobrevivência da alma é um fato real e se o espírito progride depois da morte do corpo. E não é uma ilusão que a manifestação de Patience Worth deu logo lugar a uma fonte inesgotável de beleza artística, de espiritualidade, de sabedoria e de brilhante conversa, fonte que varia perpetuamente e que é perpetuamente idêntica a si própria e infinitamente diferente do temperamento e das capacidades intelectuais da senhora Curran. Há algo de grotesco em conceber-se que uma pessoa ou uma personalidade perfeitamente equilibrada, sob todos os pontos, brilhante em seu poder intelectual, admirável em sua lógica esplêndida, possa, ao mesmo tempo, ser vítima de uma grande ilusão que, de resto, deveria justamente referir-se à sua identidade pessoal ou aos acontecimentos de sua existência passada. (Ib. 460).

Chamo a atenção dos meus leitores para a passagem citada pelo dr. Prince cujos argumentos cerrados são, logicamente, irrefutáveis. Efetivamente, eles demonstram que o professor Cory, querendo chegar à conclusão de que Patience Worth era uma ‘personalidade subconsciente’ da médium, não considerou as numerosas circunstâncias que provam o contrário! Mas como se poderia, racionalmente, afirmar que Patience Worth era vítima da ilusão obstinada e persistente de ter vivido na Terra do momento que não se tratava de ilusões, mas de fatos positivamente verificados - os indicados pelo dr. Prince - e que estes fatos convergiam admiravelmente para a demonstração de que Patience Worth dizia a verdade, afirmando ter vivido em uma região precisa da Inglaterra, em uma época recuada? Seria verdadeiramente curioso que, em metapsíquica, se tivesse que adotar um sistema de análise e de síntese invertido, isto é, concluindo sistematicamente o contrário do que demonstram os fatos. Certamente poder-se-ia objetar que as aparências enganam; sem dúvida, mas, em nosso caso, a objeção não tem cabimento, porque, repito-o, não se trata de aparências, mas de fatos incontestáveis, positivos,

inexplicáveis, tais como os apontados pelo dr. Prince.

Entre estes fatos, o principal é que Patience Worth fala, constantemente, em um dialeto arcaico do século XVII, empregando, invariavelmente, palavras de origem anglo-saxônica que eram próprias à idade em que vivera, sem jamais cair no anacronismo de usar vocábulos de origem latina, penetrados na língua depois de 1600. Já demonstramos que esta circunstância não pode ser esclarecida pela hipótese ultrametafísica do "reservatório cósmico de memórias individuais".

Segue-se daí que aqueles que não adotam o sistema de não considerar os fatos em seu conjunto, na investigação das manifestações metapsíquicas, deverão, forçosamente, em concluir que a única hipótese capaz de explicar o caso de Patience Worth é a que contém a segunda proposição formulada pelo dr. Prince, isto é, que a senhora Curran foi, simplesmente, um médium, por intermédio do qual se manifestou uma entidade espiritual absolutamente estranha à referida senhora. **Fim**